

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Área de Espanhol

ERIKA CARDOSO DOS SANTOS

**Erro, proficiência bilíngüe e competência tradutória:
sua relação estudada em *corpus* de traduções**

São Paulo
2008

ERIKA CARDOSO DOS SANTOS

**Erro, proficiência bilíngüe e competência tradutória:
sua relação estudada em *corpus* de traduções**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à
área de Graduação em Língua Espanhola do
Departamento de Letras Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo.

Área de concentração: Estudos de Tradução
Orientadora: Heloísa Pezza Cintrão

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Erika Cardoso dos Santos

Erro, proficiência bilíngüe e competência tradutória:
sua relação estudada em *corpus* de traduções

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à
área de Graduação em Língua Espanhola do
Departamento de Letras Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo.

Aprovado em: 10/12/2008

Banca examinadora:

Dr. Francis Henrik Aubert

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Dra. Heloísa Pezza Cintrão

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Dra. Rosa Yokota

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

DEDICATÓRIA

A Marcus, meu amado, amigo de todas as horas, que me faz feliz com seu amor incondicional e sempre me apóia em todos os meus planos e projetos.

A meus pais e minha irmã, minha querida família, meus amores, meu refúgio.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por permitir a realização deste trabalho, pondo em meu caminho aqueles aos quais agradeço por terem me ajudado, direta ou indiretamente, a efetuar-lo: à Dra. Heloísa Pezza Cintrão, minha orientadora, pela atenção, dedicação, pelas idéias e sugestões preciosas, às colegas Bruna Macedo e Julia Urrutia pelas discussões e idéias enriquecedoras que partilhamos trabalhando em grupo e aos doutores Francis Henrik Aubert e Rosa Yokota por serem tão gentis ao aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho.

RESUMO

SANTOS, E. C. **Erro, proficiência bilíngüe e competência tradutória: sua relação estudada em *corpus* de traduções**. 2009. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Apresenta-se, neste Trabalho de Graduação Individual (TGI), um teste de metodologia de pesquisa nos Estudos de Tradução. Trata-se de utilizar o modelo de 'modalidades de tradução' de Aubert (1998), adaptado a necessidades percebidas durante o período inicial do trabalho, para observar, num *corpus* de traduções, os erros cometidos pelos sujeitos que o produziram. Por meio de uma análise quantitativa dos dados obtidos após a tabulação do *corpus*, segundo o método das modalidades, efetua-se uma comparação da distribuição da modalidade 'erro' para membros de três grupos com diferentes perfis: um grupo de estudantes de Letras Português-Espanhol que cursou uma disciplina piloto introdutória de tradução; outro grupo também de estudantes de Letras Português-Espanhol, que não passou por essa disciplina; um grupo de profissionais de Letras, com grande proficiência bilíngüe no par português-espanhol. Com esse procedimento, busca-se verificar se a modalidade 'erro' se mostra sensível a diferentes graus de desenvolvimento de competência bilíngüe e a diferentes estágios de desenvolvimento da competência tradutória.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, erro, desenvolvimento da competência tradutória, estudos empíricos em tradução, corpus de traduções

ABSTRACT

SANTOS, E. C. **Erro, proficiência bilíngüe e competência tradutória: sua relação estudada em *corpus* de traduções**. 2009. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This Individual Undergraduate Dissertation (Trabalho de Graduação Individual - TGI) consists in a test of a methodology in Translation Studies. Aubert's proposal of 'translation modalities' (1998) was adapted to the needs of our study and applied to a *corpus* of translations in order to observe some aspects of the errors in these translations. Using the data obtained by tabulating each translation of the *corpus* according to the Aubert's modalities method, a quantitative analysis was made, comparing the 'error' modality distribution in the translations of three subgroups with different profiles: a subgroup of undergraduates in Portuguese and Spanish Linguistic and Literary Studies who took an introductory translation course unit; a second subgroup of students with the same profile but who did not attend that introductory course; a third subgroup of graduates in Portuguese and Spanish Linguistic and Literary Studies, with high bilingual proficiency in Spanish and Portuguese, and with professional experience with this linguistic pair. By means of these procedures, we sought to verify whether or not the distribution of the 'error' modality would show significant changes related to different levels of bilingual competence and different stages of development of translation competence.

Keywords: Translation Studies, error, development of translation competence, empirical studies in translation, translation corpus

LISTA DE SIGLAS

CT	Competência tradutória
EC	Grupo de estudantes de controle *
E/LE	Espanhol como língua estrangeira
EP	Grupo de estudantes principal*
LF	Língua fonte
LM	Língua meta
LO	Língua original
LT	Língua de tradução
M1	Primeiro modelo de tradução
M2	Segundo modelo de tradução
P	Grupo de Profissionais de Letras *
TLO	Texto na língua original
TLT	Texto na língua de tradução
TO	Texto original
T1	Primeira tradução
T2	Segunda tradução
T3	Terceira tradução
T4	Quarta tradução

* Esses grupos têm seus sujeitos identificados por algarismos arábicos acrescidos às suas siglas, por exemplo, EC1 significa: primeiro estudante do grupo de controle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 REVISÃO TEÓRICA.....	9
1.1 Os Estudos de Tradução: suas origens e suas abordagens teóricas.....	9
1.2 As Abordagens Lingüísticas.....	12
1.3 Os procedimentos da tradução.....	19
1.4 As modalidades de tradução de Aubert (1998) e sua reformulação em 2006.....	33
2 ERRO DE TRADUÇÃO E COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA.....	40
2.1 O conceito de erro de tradução.....	40
2.2 O conceito de competência tradutória e seu desenvolvimento.....	49
3 TESTE DE METODOLOGIA.....	51
3.1 Apresentação do <i>corpus</i>	51
3.1.1 A disciplina piloto.....	53
3.1.2 Preparação do <i>corpus</i>	54
3.2 Aplicação da metodologia.....	57
3.3 CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
REFERÊNCIAS DOS TEXTOS MENCIONADOS INDIRETAMENTE.....	69
ANEXOS.....	80

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, testamos uma metodologia de pesquisa que visa avaliar a sensibilidade da *modalidade erro* como indicador de diferentes níveis de proficiência bilíngüe e de desenvolvimento da competência tradutória, por meio da utilização de *corpus* de tradução. Ele está dividido em três capítulos. Nos dois primeiros, recorremos a estudos que tratam de questões que se referem às origens da tradutologia e suas abordagens teóricas, às origens e diferentes propostas de modelos de procedimentos da tradução e aos conceitos de erro de tradução e de competência tradutória, para definir, e principalmente entender, a localização de nosso trabalho nos Estudos de Tradução. No terceiro, apresentamos o *corpus* utilizado, os objetivos que se delinearam antes e durante a confecção do trabalho e fazemos a aplicação da metodologia que desejávamos testar. Essa aplicação nos levou a crer que é possível estudar a relação entre *erro*, grau de desenvolvimento da proficiência bilíngüe e da competência tradutória da maneira que propusemos, porém são necessárias duas correções importantes que proporcionem o aperfeiçoamento da metodologia.

1 REVISÃO TEÓRICA

1.1. Os Estudos de Tradução: suas origens e suas abordagens teóricas

Hurtado (2001: 123-132) fala das origens da tradutologia (ou Estudos de Tradução) e classifica as abordagens teóricas em que se subdivide essa disciplina. Segundo a autora, apenas na metade do século XX surgem os primeiros estudos teóricos que reivindicam uma análise mais descritiva e sistemática da tradução. Entre os anos 1950 e 1970 se dá a “época de fundação da teoria da tradução moderna” (Vega 1994: 53 *apud* Hurtado 2001: 123), são realizados estudos pioneiros sobre a tradução, surgem as primeiras análises sobre tradução oral e técnica, aparecem as primeiras revistas dedicadas à tradução e é proposta, de maneira explícita, uma análise mais sistemática da tradução. Os anos 1970 são o momento no qual surgem questões fundamentais da tradutologia, como a importância da análise do processo tradutório e a reivindicação do caráter textual da tradução. E, a partir dos anos 1980, os estudos sobre aspectos como o processo tradutório e o caráter textual da tradução se multiplicam, abrangem os diversos elementos que rodeiam o ato de traduzir e adquirem um caráter mais descritivo e explicativo, ao se preocupar, por exemplo, com a relação entre o texto original e a tradução. Assim, ainda segundo a autora, os estudos de tradução se consolidam como uma disciplina própria, que conta hoje com uma considerável herança teórica e está constituída por diversas abordagens.

Estas abordagens são organizadas por Hurtado em cinco grupos: (1) abordagens lingüísticas; (2) abordagens textuais; (3) abordagens cognitivas; (4) abordagens comunicativas e socioculturais; (5) abordagens filosóficas e hermenêuticas, embora a autora recomende não considerar essa classificação de maneira estanque, mas segundo a prioridade dada a um determinado elemento ou outro (textual, lingüístico...) em cada abordagem, pois não só há

pontos em comum entre autores de abordagens textuais, socioculturais ou cognitivas, por exemplo, como alguns autores têm, em suas propostas, pressupostos de várias abordagens.

A respeito das *abordagens lingüísticas*, a autora as define como aquelas que aplicam modelos procedentes da Lingüística e se caracterizam pela descrição de línguas e comparação entre uma língua e outra, sem entrar em considerações de caráter textual. Para essas abordagens são apontadas seis tendências:

1) A Lingüística comparada tradicional, herdeira dos estudos diacrônicos, que utiliza as categorias da gramática tradicional e que efetua comparações de unidades isoladas. Hurtado cita como exemplo o livro *Teoría y práctica de la traducción* de García Yebra (1982).

2) As Estilísticas comparadas, que aplicam à análise comparada os estudos realizados em estilística interna. Sua maior contribuição são os *procedimentos de tradução: empréstimo, decalque, transposição*, etc. de Vinay e Darbelnet (1958). Também Vázquez-Ayora (1977) e Newmark (1988), entre outros, trabalham com essas categorias das estilísticas comparadas.

3) As comparações gramaticais entre línguas, que utilizam diferentes modelos: as categorias da gramática oracional, alguns *procedimentos* das estilísticas comparadas. São exemplos das comparações gramaticais entre línguas os trabalhos de: Guillemín-Flescher (1981); Chuquet e Paillard (1989).

4) A aplicação ao estudo da tradução de diferentes modelos de análise lingüística, como a aplicação da sistemática de Guillaume por Garnier (1985), da teoria dos níveis de Halliday por Catford (1965) e do modelo transformacional por Vázquez Ayora (1977).

5) As abordagens semânticas, que têm como principal exemplo, para Hurtado, o trabalho de Larson (1984), tendo também Nida (1975), se utilizado de análises semânticas da tradução.

6) As abordagens semióticas, que consideram a tradução como processo de transformação entre sistemas de signos. Os exemplos de Hurtado para as abordagens

semióticas são Ljudskanov (1969), que considera a tradução como processo cibernético de signos, e Arcaini (1986), que estabelece uma relação entre signo lingüístico e icônico.

As *abordagens textuais* postulam a tradução como operação textual, a partir dos anos 1970. Como exemplos, Hurtado comenta que Seleskovitch (1968, 1975), Coseriu (1977), Ladmiral (1979), etc. são autores que postulam a tradução como operação textual e que Reiss (1971, 1976), além disso, ressalta o papel das tipologias textuais na tradução. Nos anos 1980 e 1990 são incorporadas a essas abordagens contribuições da lingüística do texto e da análise do discurso. Incluem-se noções como: superestrutura, macroestrutura e microestrutura, textualidade, textura, coerência e coesão, classificações textuais, intertextualidade, etc., e passa-se a comparar textos ao invés de línguas. O pioneiro da textologia comparada é Hartmann (1980). Segundo Hurtado, nas abordagens textuais, alguns autores se concentram mais em aspectos intratextuais de análise avançada em textologia comparada (Wilss 1977 e Baker 1992), enquanto outros acrescentam também aspectos extratextuais que interferem na tradução (House 1977; Hatim e Mason 1990; Reiss e Vermeer 1984 e Nord 1988).

Às abordagens que se centram na análise dos processos mentais realizados pelo tradutor Hurtado dá o nome de *abordagens cognitivas* e aponta que dentro deste grupo também há várias tendências, dentre as quais a autora julga merecerem menção à parte os trabalhos como os de Jääskeläinen (1987), Löscher (1991), Kussmaul (1995), Dancette (1995), que possuem um caráter mais experimental e se realizaram para estudar de modo empírico os mecanismos do processo tradutório, utilizando-se, fundamentalmente, da técnica dos *TAPs* (*Thinking-Aloud Protocols*): “a verbalização dos processos mentais do tradutor (ou do estudante de tradução) enquanto traduz e seu recolhimento em protocolos” (Hurtado 2001: 128). Entre as outras tendências estão os estudos da ESIT, conhecidos como teoria interpretativa ou teoria do sentido, a aplicação da teoria da relevância de Sperber e Wilson por Gutt (1991), os modelos de Esforços de Gile (1995a, 1995b) sobre a interpretação, os estudos que se apóiam na

psicolinguística e nas pesquisas sobre inteligência artificial e a aplicação dos estudos de psicologia cognitiva à análise da tradução.

Incluem-se no grupo das *abordagens comunicativas e socioculturais*, aqueles trabalhos que de alguma maneira focalizam a função comunicativa da tradução, considerando os aspectos contextuais que rodeiam a tradução e reforçando a importância dos elementos culturais e da recepção. Destas abordagens fazem parte os estudos que se centram em aspectos socioculturais, ideológicos e/ou abordam a tradução a partir de perspectivas comunicativas, por exemplo, os trabalhos de Nida e Taber (1969), House (1977), Pergnier (1978), Reiss e Vermeer (1984), Nord (1988), Hatim e Mason (1990, 1997), etc.. Hurtado também considera parte dessas abordagens as análises feministas da tradução e os estudos que relacionam tradução e pós-colonialismo.

As *abordagens filosóficas e hermenêuticas* privilegiam a dimensão hermenêutica da tradução ou aspectos filosóficos relacionados a ela (Quine 1959; Schökel e Zurro, 1977; Ladmiral 1979; Gadamer 1975, 1986; Schökel 1987, etc.). Autores como Derrida (1985a, 1985b), Vidal Claramonte (1989, 1995, 1998), Arrojo (1993, 1994), Campos (1972, 1981) e Gavronsky (1977) que privilegiam também as reflexões pós-estruturalistas da tradução (abordagens hermenêuticas atuais, desconstrucionistas, teorias canibalistas, etc.) são incluídos por Hurtado nas abordagens filosóficas e hermenêuticas da tradução.

1.2. As Abordagens Lingüísticas

Dentre as abordagens vistas no trabalho de Hurtado (2001), o método de análise que testamos em nosso estudo se insere no primeiro grupo: o das abordagens lingüísticas, na subdivisão que a autora denomina Estilísticas comparadas. No verbete “Abordagens

Lingüísticas” [*“Linguistic Approaches”*]¹ da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, editada por Baker em 1998, Fawcett fala das divergências entre os teóricos que acreditavam que os estudos de tradução deveriam se basear numa teoria lingüística e os que se mostravam céticos a esse respeito. O autor nos apresenta algumas dessas divergências, que apontaram para uma “relação incerta entre a lingüística e a teoria de tradução” [*“uncertain relationship between linguistics and translation theory”*] (Fawcett 1998: 120), por meio de afirmações de Chomsky, Catford, Albrecht, Shveitser, Bell e Pergnier sobre o assunto.

Os dois primeiros estudiosos defendiam, no mesmo ano, opiniões discrepantes ao se referirem à relação entre a lingüística e os estudos de tradução: Chomsky (1965: 30) não acreditava que os universais formais da linguagem propostos pela lingüística gerativa pudessem indicar um modo razoável para traduzir, enquanto Catford (1965: 1) afirmava que uma teoria da tradução deveria se basear numa teoria lingüística geral. Albrecht e Shveitser, assim como Chomsky e Catford, escreveram no mesmo ano (1973) expressando opiniões opostas. Enquanto Albrecht (1973: 1) lamentava que os lingüistas não se preocupassem com a tradução, Shveitser (1987: 13) dizia que “muitos lingüistas, há muito tempo, decidiram que a tradução poderia ser objeto de estudos lingüísticos” [*“many linguists have long since decided that translation could be the object of linguistic study”*]. Mas o próprio Shveitser também se refere ao furor causado entre os defensores das abordagens literárias da tradução pela importante tentativa do russo Fedorov (1953) de produzir uma descrição lingüística da tradução. Anos mais tarde, Bell (1991: xv) e Pergnier (1993: 9) dão novas amostras desse tipo de opinião divergente: Bell afirmava em seus trabalhos de 1991 que os teóricos da tradução e os lingüistas haviam seguido rumos diferentes, enquanto Pergnier afirmava que, embora houvesse quem quisesse liberar totalmente a tradução da lingüística, o desenvolvimento da lingüística a estava aproximando cada vez mais das preocupações dos teóricos da tradução.

¹ Agradecemos grandemente a tradução feita por Heloísa Pezza Cintrão dos trechos deste verbete citados aqui.

Depois de mostrar as divergências de opinião entre os pesquisadores ao se referirem à relação entre a lingüística e a tradução, Fawcett diz que tal relação pode ser de dois tipos: “é possível aplicar as propostas da lingüística à prática da tradução” [“*one can apply the findings of linguistics to the practice of translation*”] (p. 120), por exemplo, a sociolingüística procura esclarecer a relação da língua com a situação social e isto poderia ser aplicado à tradução no caso concreto de um tradutor que precisasse traduzir, digamos, um dialeto regional; “é possível propor uma teoria lingüística da tradução” [“*one can have a linguistic theory of translation*”] (p. 120), que consistiria em “aplicá-la [uma teoria lingüística] à própria concepção da tradução” [“*apply it to the entire concept of translation itself*”] (p. 121). Como exemplo, o autor afirma que a teoria de Eugene Nida sobre a equivalência dinâmica seria um tipo de sociolingüística da tradução. Segundo Fawcett (1998: 121), essas duas vertentes podem ser encontradas nos trabalhos em que se relacionam lingüística e tradução. No primeiro caso, Abrecht (1973), Hatim e Mason (1990) e Bell (1991) mostram como elementos da teoria lingüística podem ter impacto sobre elementos do processo e do produto da tradução. No segundo caso, Catford (1965) tenta descrever a tradução por meio dos níveis da gramática de níveis lingüísticos de Halliday, House (1981) descreve as estratégias de *tradução ostensiva* e *tradução encoberta* utilizando-se de uma distinção básica da lingüística funcional e Shveitser (1987) define a tradução como um processo de reescrita, a partir, principalmente, da lingüística gerativa e situacional.

Na última parte do verbete, Fawcett fala de aplicações de conceitos e modelos da lingüística à tradução. O autor aponta a importância que tiveram para a tradução conceitos como *conotação*, *denotação*, *análise componencial*, *campo semântico* (gerados pelos lingüistas para descrever o sentido no nível da palavra), *pressupostos* e *implicaturas* (gerados para descrever o sentido no nível da oração). Segundo Fawcett, a aplicação desses conceitos em lingüística comparada demonstrou “claramente que o sentido e as estruturas semânticas

das línguas não coincidem entre si. Do ponto de vista da lingüística, é possível dizer que cada língua é cheia de lacunas em relação às outras línguas” [“... *clearly that the meanings and meaning structures of one language do not match those of another. From a linguistic point of view, one could almost say that each language is full of gaps in relation to other languages*”] (p. 122).

A constatação dessas incompatibilidades existentes entre as línguas tiveram para Fawcett “implicações lingüísticas óbvias para a tradução” [“*obvious linguistic implications for translation*”] (p. 122), pois mostrou que o sentido transferido quando se traduz “é quase sempre contextual e normalmente envolve algum tipo de perda” [“*is nearly always contextual and usually involves some form of loss*”] (p. 122). Isto fez com que se concebesse como uma das tarefas de uma teoria lingüística da tradução a definição de técnicas de tradução necessárias para lidar com tais incompatibilidades, o que deu origem às taxonomias das estilísticas comparadas.

Fawcett defende que as taxonomias no nível do sintagma e da palavra, assim como abordagens textuais da tradução, surgiram como meios para lidar com as incompatibilidades encontradas ao se comparar línguas.

Sobre as taxonomias de *procedimentos de tradução*, Fawcett diz que tendem, em sua maioria, a se concentrar no nível do sintagma ou da palavra, que foram desenvolvidas principalmente para descrever esses níveis e que representam modos de explicar a equivalência tradutória. O autor menciona como exemplo as taxonomias de Retsker (1974), que define três tipos de correspondência entre a língua fonte e a língua meta: *equivalência*, *analogia* e *adequação*; de Shveitser (1987), que, vendo a tradução como um processo de paráfrase, define 55 regras lexicais e 22 regras sintáticas que permitiriam a manutenção da equivalência dentro de uma estrutura ou forma alterada; de Eugene Nida (1969), que propõe um sistema no qual, num primeiro momento da tradução, sentenças ou estruturas complexas

são reduzidas a *kernels* (núcleos) ou sentenças simples, recuperadas na estrutura de superfície da LM por meio de regras de transformação; de Vinay e Darbelnet (1958), que em seu modelo, o mais conhecido e criticado, definem as técnicas de *empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, modulação, equivalência e adaptação*; de Malone (1988) que discute técnicas que afirma serem úteis tanto para analisar quanto para realizar traduções: *recrescência, reempacotamento, reorganização e recodificação*, em sua maioria com sub e sub-subdivisões; de Ladmiral (1979) que oferece seus *teoremas* de tradução (*contra-senso mínimo, dissimilação, incrementalização, intra-tradução, etc.*), apesar de, como muitos tradutores, acreditar que a lingüística não tem como oferecer técnicas que possam ser aplicadas de modo linear à tradução.

A respeito das abordagens de lingüística textual, Fawcett diz que procuravam ampliar o leque de análise da tradução por meio de conceitos da lingüística textual (tom, modo, domínio), da pragmática (máximas de Grice, funções da linguagem, funções textuais) e da análise do discurso (estrutura temática, coerência, coesão), pois as taxonomias no nível da palavra e do sintagma se mostram insuficientes para dar conta de todos os problemas enfrentados pelo tradutor, mesmo quando são sensíveis ao contexto. O autor cita alguns exemplos de estudos que se incluíam nas abordagens textuais: Hatim e Mason (1977), Bell (1991) e Baker (1992).

Em seguida, Fawcett comenta o trabalho de House (1981), pioneira em aplicar o conceito de registro à tradução. Ainda segundo Fawcett, essa autora mostra como a função textual ideacional (transmitir idéias) e a função textual interpessoal (expressar a inter-relação entre autor, texto e leitor) se baseiam em parâmetros de registro (como meio, papel nas relações inter-pessoais) e como ao avaliar a qualidade de uma tradução, se avaliam também os graus de correspondência ou falta desta com o original no nível do registro, em vez de apenas se avaliar a correspondência semântica entre os dois textos. A respeito do conceito de registro,

Fawcett aponta que atualmente apresentar um modelo de registro com apenas três parâmetros é mais comum: tom (dentro de uma escala de formalidade e acessibilidade do texto, reflete a relação autor-leitor), modo (canal usado para a comunicação) e domínio (tem sua definição vinculada à função e ao gênero textual). Parâmetros estes considerados por Fawcett (1998: 124) de

...importância considerável para a tradução em dois sentidos. Primeiro, todo tradutor deve ser capaz de efetuar esse tipo de análise com o fim de: a) chegar a uma compreensão do texto que está traduzindo que lhe permita escolher o registro mais apropriado na LM, e b) produzir sua própria análise dos registros disponíveis na LF e na LM quando tem que lidar com novos assuntos. Segundo, é de se supor que o registro apropriado a uma dada situação variará entre as línguas e que, por conseqüência, mudanças de registro ocorrerão no processo de tradução.

[...considerable importance for translation from two points of view. First, all translators should be able to perform such an analysis in order to (a) have an understanding of the text they are translating which allows them to choose the appropriate register in the TL, and (b) produce their own analysis of registers available in SL and TL when they come to tackle new subject matters. Second, the assumption is that the registers appropriate in a given situation will vary between languages and that, as a corollary, register shifts will occur in the process of translation.]

Além de indicar sua importância, Fawcett aponta e lamenta o fato de, aparentemente, existirem poucos trabalhos comparativos no campo do registro e também em áreas como coerência, coesão, tipologia e função textual. Esse fato, segundo o autor, leva à escassez de dados concretos que permitiriam ao tradutor ir além de apoiar-se simplesmente em sua experiência e no senso comum. Porém o quadro não é desanimador: Fawcett aponta como indicadores do caminho a ser seguido, os trabalhos de Nord em análise textual e o de Reiss e Vermeer na teoria funcional da tradução, e como início da solução para as deficiências de dados concretos, o desenvolvimento da análise de *corpus* por computador.

Fawcett também fala da importância que tiveram para a tradução as implicaturas griceanas (e suas máximas que guiam a conversação) e a teoria dos atos de fala, ambas áreas

vindas da pragmática. Para o autor, embora o conceito de implicaturas tenha sido desenvolvido para analisar a língua falada, seus princípios podem ser aplicados à tradução. Fawcett observa que deve fazer parte da competência do tradutor saber que cada uma das máximas de Grice será aplicada de maneiras diferentes em situações diferentes, por cada língua. E no que se refere aos atos de fala, afirma que tem sido sugerido que o conhecimento sobre eles também deve fazer parte da competência do tradutor. Como exemplo, o autor comenta que Hatim e Mason (1990) supõem que os atos de fala subjacentes às palavras usadas influenciam a tradução, mas observa que nem sempre é fundamental proceder a uma análise nesses níveis, pois a tradução literal pode ser suficiente para produzir o efeito desejado.

Fawcett considera que sua observação sobre a suposição de Hatim e Mason (1990) “resume em poucas palavras o *status* problemático da lingüística em relação à prática e à teoria da tradução” [“*describes, in a nutshell, the problematic status of linguistics with regard to translation theory and practice*”] (1998: 124). As ferramentas de análise e compreensão da linguagem e das línguas oferecidas pela lingüística costumam ser mais úteis para avaliar o produto final do que para auxiliar no ato de tradução, e existem pessoas que conseguem realizar excelentes traduções mesmo sem conhecimento do que a lingüística tem a oferecer à tradução. O autor conclui que a lingüística não deve ser excluída das discussões sobre a tradução, mas também não deve ser encarada como o único modo de explicar o processo tradutório, quando é apenas mais um desses modos.

1.3 Os procedimentos da tradução

Encontramos exemplos do que Fawcett denomina “taxonomias no nível da palavra e do sintagma” (Fawcett 1998: 122) no trabalho de Barbosa (2004 [1990]). A autora propõe uma recaracterização e uma recategorização dos chamados *procedimentos técnicos da tradução*.

Partindo do pressuposto de que tais procedimentos são um modo de responder à questão “como traduzir” e de que cada estudioso da tradução responde a esta pergunta de acordo com sua visão daquilo que deve ser uma tradução, a autora faz uma revisão de trabalhos que se centram nos *procedimentos técnicos da tradução* a fim de analisar o tratamento dado a esses procedimentos na literatura disponível.

Barbosa inicia sua revisão pelo trabalho pioneiro de Vinay e Darbelnet, *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*, publicado em 1958 (utilizando-se da versão de 1977). Esclarece que os autores apresentam, em 1977, um modelo subsidiado pela lingüística estrutural de Saussure e pela estilística francesa para realizar seu exame da tradução, além de mencionarem que a gramática de base gerativa-transformacional poderia ser útil para o tradutor. Eles trabalham com conceitos como *signo lingüístico*, *significado*, *significante*, *valor* e *significação*, além de remeterem à noção saussuriana de arbitrariedade do signo lingüístico, conseguindo com isso uma sólida base teórica para justificar sua proposta de afastamento da tradução literal.

Segundo Barbosa, no contexto da obra de Vinay e Darbelnet, deve-se entender estilística como “um catálogo das formas elegantes e convincentes” (Bally *apud* Barbosa 2004: 23). Vinay e Darbelnet dizem que a estilística comparada é aquela “que observa as características de uma língua tais quais se revelam por comparação com uma outra língua” (1977: 20 *apud* Barbosa 2004: 23) e relacionam a tradução a “um caso particular, a uma aplicação prática da estilística comparada” (1977: 15 *apud* Barbosa 2004: 23).

Pensando em que na tradução deve-se produzir um texto idêntico ao que “sairia espontaneamente de um cérebro monolíngüe, em resposta a uma situação comparável sob todos os pontos de vista” (1977: 46-55 *apud* Barbosa 2004: 23), o que, para Barbosa, implicaria num afastamento da tradução apenas literal, é que Vinay e Darbelnet caracterizam os *procedimentos técnicos da tradução: empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, modulação, equivalência e adaptação* são os sete principais (aos quais se acrescentam outros que serão comentados posteriormente).

Os três primeiros procedimentos, dos sete mencionados acima, pertencem ao grupo que Vinay e Darbelnet chamam de *tradução direta (literal, palavra-por-palavra)* por estarem mais próximos da língua original (LO), e os últimos quatro, pertencem ao grupo do tipo de tradução que mais se afasta da forma do texto na língua original (TLO) em busca de sentido, a *tradução oblíqua* (não-literal, que ocorre quando a *tradução literal* não é possível). Esses procedimentos são hierarquizados segundo a dificuldade de execução pelo tradutor, a qual os autores supõem ser menor se os procedimentos são mais próximos da LO.

Dentro da hierarquização que propõem Vinay e Darbelnet, o *empréstimo* é o primeiro procedimento da *tradução direta*, portanto o mais fácil, pois consiste em copiar ou utilizar a própria palavra da LO no texto da língua de tradução (LT), quando não houver na LT um significante que tenha o mesmo significado expresso pelo significante empregado no texto na LO. Isso seria não exatamente uma tradução, mas a manutenção de material textual da LO na LT. Para Vinay (1968: 737 *apud* Barbosa: 26) este procedimento “é evidentemente a negação da tradução”. Barbosa entende o *empréstimo* como expressão de uma divergência e não como um paralelismo entre a LO e a LT, e por isso sustenta que o *empréstimo* não deveria estar entre os procedimentos da *tradução direta*.

O *decalque*, segundo procedimento da *tradução direta*, é para Vinay e Darbelnet, um caso particular de empréstimo, pois não se refere a palavras isoladas, mas sim a sintagmas. E

se subdivide em dois tipos: o *decalque de expressão* (utiliza palavras já existentes na LT, respeitando também sua estrutura sintática) e o *decalque de estrutura* (utiliza as palavras da LT, mas sem manter sua estrutura sintática).

Barbosa aponta que existe conflito na literatura em torno da definição de *decalque* por Vinay e Darbelnet (1977). Como exemplo, cita o próprio Vinay (1968: 739) que define o decalque como procedimento através do qual “a palavra ou expressão é adaptada à ortografia da LT”.

Para Barbosa o *decalque* também não deveria ser classificado como *tradução direta*, pois “é usado em consequência de divergências entre as duas línguas em confronto no ato da tradução” (2004: 27) e, segundo Vinay e Darbelnet (1977, *apud* Barbosa 2004: 27), o decalque introduz “novos modos de expressão” na LT.

De acordo com Vinay e Darbelnet, o último procedimento da *tradução direta*, a *tradução literal* ou *palavra-por-palavra*, deve ser usado sempre que seu resultado for um texto correto e que respeite as características formais, estruturais e estilísticas da LT. Os autores vêem a *tradução literal* como um procedimento completo em si mesmo, único e reversível, pois a retradução teria como resultado, precisamente, o texto original.

A *transposição* é o primeiro procedimento da *tradução oblíqua* e consiste em um afastamento da forma do texto na LO (TLO), no plano sintático. Explica Barbosa: “um significado que era expresso no TLO por um significante de uma determinada categoria gramatical (parte do discurso) passa a ser expresso, no TLT, por um significante de outra categoria gramatical, sem que, com isso, fique alterado o conteúdo, ou a mensagem, do TLO” (2004: 28). Barbosa afirma que a *transposição* pode ser uma escolha do tradutor (havendo outras possibilidades de tradução) ou seu único meio de traduzir (se não existirem outras opções de tradução), embora Vinay e Darbelnet não mencionem essas possibilidades.

Na *modulação*, o segundo procedimento da *tradução oblíqua*, há mudança de ponto de vista na expressão da mensagem em cada uma das línguas envolvidas na tradução. Cada língua pode, por exemplo, privilegiar um aspecto diferente da mesma realidade.

Terceiro procedimento da *tradução oblíqua*, a *equivalência* é utilizada em casos onde as duas línguas expressam a mesma situação através de meios estilísticos e estruturais totalmente diversos, como em provérbios, clichês, interjeições, onomatopéias, idiotismos.

O último procedimento da *tradução oblíqua* é a *adaptação*, usada onde a situação extralingüística a que se refere o texto original não existe no universo cultural da língua de tradução. O tradutor deve, então, encontrar na língua de tradução uma situação equivalente à da língua original.

A *adaptação*, segundo Barbosa, é o limite extremo da tradução e é também um caso particular da *equivalência* por ser uma equivalência de situação.

Depois de apresentar o trabalho de Vinay e Darbelnet, Barbosa diz que os autores, ao descrever os procedimentos, deixam claro que em um determinado segmento de texto poderão ser usados, concomitantemente, mais de um *procedimento técnico da tradução*.

A respeito do modelo de Vinay e Darbelnet, Barbosa (2004: 31) afirma que, para os autores, “a *tradução literal* ocupa uma posição privilegiada, embora sujeita a certos limites”: quando o tradutor verifica que não é possível aplicar a *tradução literal*, emprega outros procedimentos. Segundo Vinay e Darbelnet (1977: 49) a *tradução literal* não seria possível quando com ela se produzisse um texto na língua de tradução que poderia ter significado diverso do original, não ter significado, ser estruturalmente impossível, não ter correspondência no contexto cultural da língua de tradução ou ainda, ter correspondência, mas não no mesmo registro.

Barbosa considera os itens acima como um teste de viabilidade da *tradução literal* e observa que neste teste figuram os princípios que regem a tradução para Vinay e Darbelnet: 1)

a manutenção do significado do TLO ao passar para a LT, que definiria 2) a noção de fidelidade ao conteúdo e também à forma, pois o tradutor só deve deixar de empregar a *tradução literal* quando esta for impossível.

A autora acredita que tal atitude diante da tradução está ligada, em parte, à preocupação estilística de Vinay e Darbelnet, por ser a obra dos dois uma comparação entre as formas ideais encontradas no francês e no inglês. Isto a leva a encerrar sua revisão do modelo de Vinay e Darbelnet concluindo que, do ponto de vista dos estudiosos, a tradução não pode ser efetuada contrariando aquilo que, na concepção deles, é o estilo da língua para a qual é feita.

Barbosa aponta também que Vinay e Darbelnet abordam outros procedimentos auxiliares quando aplicam os *procedimentos técnicos da tradução* aos três planos onde consideram que a tradução ocorre: o lexical, o sintático e o da mensagem. A autora não comenta esses procedimentos, por isso nos utilizamos novamente do trabalho de Hurtado (2001: 258) para dedicar maior atenção aos procedimentos que Vinay e Darbelnet acrescentam aos sete primeiros divididos entre *tradução literal* e *tradução oblíqua*.

Os procedimentos acrescentados são:

1) *Compensação*: na tradução, colocar em outro lugar um elemento informativo ou efeito estilístico que não pôde aparecer no mesmo lugar no texto fonte.

2) *Dissolução vs concentração*. Na primeira, um mesmo significado é expresso na língua de chegada por mais significantes que na língua de saída. Na segunda, com menos.

3) *Amplificação vs economia*. A *amplificação* ocorre quando a língua de chegada utiliza maior número de significantes para preencher uma lacuna, uma deficiência sintática ou para expressar melhor o significado de uma palavra. A *economia* é o procedimento contrário.

4) *Ampliação vs condensação*. São duas modalidades da *amplificação* e da *economia* próprias do francês e do inglês. Por exemplo, as preposições ou conjunções do inglês que precisam do reforço de um nome ou de um verbo para serem reformuladas em francês.

5) *Explicitação vs implicação*. Na explicitação, uma informação implícita no texto original torna-se explícita em sua tradução. A *implicação* consiste em fazer entender pelo contexto, na tradução, informação explícita no texto original.

6) *Generalização vs particularização*. A primeira consiste em traduzir um termo por outro mais geral. A segunda, no procedimento oposto.

O segundo modelo revisado por Barbosa é o de Nida (1964) que, ao contrário do modelo de Vinay e Darbelnet, não apresenta uma lista de *procedimentos técnicos da tradução*, apenas comentários sobre eles em vários pontos e por isso Barbosa não os elenca. Há em comum entre os dois modelos, porém, o fato de se basearem na oposição entre tradução literal e não literal.

Os subsídios teóricos de Nida são a gramática de base gerativa-transformacional, a semântica e a pragmática (Katz e Fodor). E são utilizadas também as funções da linguagem descritas por Jakobson em 1960, no sentido de verificar quais funções da linguagem presentes no TLO se mantêm em sua tradução.

Barbosa afirma que “desta visão da linguagem resulta o primeiro ‘modelo operacional’ da tradução” (2004: 33), no qual o tradutor realmente competente deve traduzir “unidades de significado”, não apenas “unidades estruturais” (Nida 1964: 68).

Para Nida a tradução é um ato comunicativo e antes de efetuá-lo é necessário observar três fatores básicos: a natureza da mensagem, o objetivo ou objetivos do autor e do tradutor, e o tipo de público visado pelo original e pela tradução. Deve-se buscar, a partir daí a maior equivalência possível entre o original e a tradução, porém levando em conta que há dois tipos fundamentais distintos de equivalência: a *equivalência formal*, por meio da qual se produz uma tradução o mais literal possível; e a *equivalência dinâmica*, usada quando se quer produzir uma tradução que seja familiar ao leitor (mesmo que esta se afaste muito do TLO em termos formais), tanto no que se refere à construção lingüística e estilística, como no que se

refere aos comportamentos e elementos extralingüísticos expressos no texto na LT. Desse modo, diz Barbosa, a tradução teria sobre seu leitor o mesmo efeito causado sobre o leitor do texto original por este texto.

Posteriormente ao modelo de Nida (1964), são revistos por Barbosa os quatro modelos de tradução elaborados por Catford (1965). Porém, como as propostas do autor se distanciam bastante das categorias que interessam para nosso estudo, não as apresentaremos aqui.

O penúltimo modelo analisado por Barbosa é o de Vázquez-Ayora (1977), que tem por base a análise contrastiva de base gerativa-transformacional, a semântica estrutural e a estilística de Bally, e o trabalho de Nida (1964).

Vázquez-Ayora aponta um modelo transformacional da tradução, onde se vê o caminho a ser percorrido pelo tradutor para produzir a tradução: 1) reduzir o TO às orações pré-nucleares, 2) transferir o sentido da LO para a LT e 3) gerar na LT a expressão estilística e semanticamente equivalente. O autor afirma que este modelo é um meio de obter o contexto apropriado na LT e é também a base do método de *tradução oblíqua*, um dos meios mais eficazes de evitar a *tradução literal*, para ele, a fonte da maioria dos erros.

Barbosa afirma que o modelo de Vázquez-Ayora é quase idêntico ao de Vinay e Darbelnet, marcado por dois macro-eixos (*tradução literal* e *tradução oblíqua*) ao longo dos quais se distribuem procedimentos técnicos, ampliados a partir dos de Vinay e Darbelnet.

Vázquez-Ayora define a *tradução literal* da mesma maneira que Vinay e Darbelnet, porém para ele o procedimento se destaca por ser também um eixo, mas sem possuir outros procedimentos que se alinhem sob ele.

Na *tradução oblíqua*, os procedimentos principais são exatamente os mesmos descritos por Vinay e Darbelnet. Seguem-se a estes, os procedimentos complementares, dentre os quais estão, a *amplificação*, a *compensação* (descritos por Vinay e Darbelnet fora dos eixos da

tradução direta ou da *tradução oblíqua*) e a *omissão* (não incluída pelos estudiosos canadenses).

Barbosa apresenta os procedimentos complementares conforme Vázquez-Ayora:

- A *amplificação* ocorre quando uma palavra é desdobrada por necessidades sintáticas da LT.
- A *explicitação*, caso particular de *ampliação*, é utilizada para deixar claro ao leitor da tradução algo que não lhe é familiar no texto original.
- A *omissão* consiste em omitir elementos excessivamente repetidos na LO que não são repetidos na LT, ou que esta língua não explicita.
- A *compensação* é utilizada para repor conteúdo ou recursos estilísticos do TLO perdidos ao se fazer a tradução.

Sobre o modelo de Vázquez-Ayora, Barbosa conclui: baseia-se no de Vinay e Darbelnet, expandindo-o e modificando alguns aspectos; tem muitas semelhanças com o modelo de Nida (1964); e tem como característica marcante a intensidade da tensão existente entre a *tradução literal* e a *tradução oblíqua*, sendo ressaltada a superioridade da *tradução oblíqua* por considerar a *tradução literal* a fonte de todos os erros e defeitos das traduções.

Barbosa termina sua revisão com o modelo de Newmark (1981, 1988). Neste modelo os *procedimentos técnicos da tradução* são dispostos ao longo de dois eixos opostos: a *tradução semântica*, na qual o objetivo é transmitir o significado contextual do texto original com a maior aproximação possível, sendo por isso, fiel e literal, e a *tradução comunicativa*, livre e idiomática por desejar produzir em seus leitores um efeito tão próximo quanto possível do efeito produzido sobre os leitores do TO.

No modelo de Newmark são introduzidos alguns conceitos considerados vitais por Barbosa: as funções da linguagem, o tipo de texto e a finalidade da tradução, pois, para a

autora, esses conceitos auxiliarão o tradutor a decidir se deve utilizar a tradução livre ou a literal, conforme o tipo de texto.

Dos *procedimentos técnicos da tradução* descritos por Newmark, nove são os mesmos descritos por Vinay e Darbelnet e ampliados por Vázquez-Ayora (1977). Os outros são: a *sinonímia lexical*, que consiste na tradução por um equivalente na LT; o *rótulo tradutório*, uso de um equivalente aproximado; a *definição* ou *equivalente descritivo*, onde um item lexical da LO é substituído por sua definição; a *paráfrase*, que é uma ampliação ou reescritura livre do significado de um período; a *expansão*, que consiste em expandir gramaticalmente o sentido de um segmento de um texto, a fim de atender às necessidades gramaticais da LT; a *contração*, oposto do procedimento anterior; a *reconstrução de períodos*, reformulação dos períodos ou orações do TLO no TLT; a *reorganização* e as *melhorias*, utilizadas para corrigir na tradução erros do texto original; o *dístico tradutório*, que consiste em seguir com uma *tradução literal* uma outra *tradução literal* ou uma *transferência (empréstimo)* anteriormente realizada do item lexical em questão; e a *naturalização*, por meio da qual os nomes próprios da LO são adaptados à LT.

Terminada a revisão dos modelos de tradução, Barbosa passa à suas propostas de caracterização e recategorização dos *procedimentos técnicos da tradução*.

Na proposta de caracterização, Barbosa afirma buscar combinar as visões dos autores que comentou, acrescentando procedimentos aos de Vinay e Darbelnet e, ao mesmo tempo reagrupando e eliminando alguns dos procedimentos descritos posteriormente, por considerar que estão embutidos em outros. Afirma também que procura adotar uma terminologia que considere mais adequada, a fim de eliminar dificuldades ocasionadas pela variação terminológica existente entre os autores.

São caracterizados pela autora treze procedimentos:

•A *tradução palavra-por-palavra*, caracterizada segundo a definição de Aubert (1987: 15 *apud* Barbosa 2004: 64): “a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na LT mantendo-se as mesmas categorias, numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximadamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no TLO”.

•A *tradução literal*. Também segundo Aubert (1987: 15 *apud* Barbosa 2004: 65): “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém a morfo-sintaxe às normas gramaticais da LT”.

•A *transposição*, que consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir. Não é obrigatória quando o segmento também pode ser traduzido literalmente. Pode ser, portanto obrigatória ou não.

•A *modulação*, que também pode ser obrigatória ou facultativa, consiste em reproduzir a mensagem do texto original no texto traduzido sob um ponto de vista diverso, no que se refere à experiência do real.

•A *equivalência* ocorre quando se substitui um segmento de texto da LO por outro da LT que tenha função equivalente, sem que seja feita *tradução literal*. É geralmente aplicada a provérbios, ditos populares, etc..

•A *omissão vs a explicitação*. A primeira consiste em omitir elementos do TLO que são desnecessários ou extremamente repetitivos para a LT e a segunda, em seu inverso.

•A *compensação* ocorre quando, por não poder reproduzir no mesmo ponto, no TLT, um recurso estilístico usado no TLO, o tradutor usa, em outro ponto do texto, um outro recurso estilístico de efeito equivalente.

•A *reconstrução de períodos* consiste em passar períodos e orações do original para a LT redividindo-os ou reagrupando-os.

- As *melhorias* consistem em não repetir na tradução os erros cometidos no TLO.

- A *transferência* ocorre quando material textual da LO é introduzido na tradução. Pode assumir as formas de *estrangeirismo* (copiar para a o TLT vocábulos ou expressões da LO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TLO que seja desconhecido na LT), *estrangeirismo transliterado* (substituir uma convenção gráfica por outra), *estrangeirismo aclimatado* (os empréstimos são adaptados à língua que os toma) e *estrangeirismo mais explicação de seu significado* por meio de nota de rodapé ou pela diluição do texto (procedimentos adicionais à transferência acrescentados ao TLT para proporcionar ao seu leitor um entendimento do TLO.

- A *explicação* consiste em substituir um estrangeirismo por sua explicação quando há necessidade de eliminar estrangeirismos do TLT.

- O *decalque*: traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais da LO.

- A *adaptação*, limite extremo da tradução, é aplicada quando não existe na LT uma situação extralingüística conhecida dos falantes da LO, e esta é substituída por uma situação equivalente na realidade extralingüística dos falantes da LT.

Depois dessa reclassificação, Barbosa faz também duas propostas de recategorização dos *procedimentos técnicos da tradução*, a fim de eliminar algumas das inconsistências que afirma encontrar nos modelos revisados por ela: a hierarquização baseada na dificuldade de execução pelo tradutor e a divisão dos procedimentos em dois eixos diametralmente opostos são pouco úteis para o ato de traduzir e para o ensino de tradução; o *empréstimo* e o *decalque* colocados por Vinay e Darbelnet como os procedimentos mais fáceis, têm, na verdade, utilização muito restrita na prática e não representam momentos em que a passagem de uma língua para a outra pode ser feita com facilidade, mas constituem meios de lidar com grandes

divergências entre as línguas, o que é um obstáculo para a tradução e uma dificuldade para o tradutor.

Sua primeira proposta de recategorização se prenderia à frequência de uso dos *procedimentos técnicos da tradução* nas traduções, mas Barbosa verificou que o estado dos estudos sobre a tradução naquele momento (1990) não permitia hierarquizar os procedimentos segundo sua frequência de uso. Por este motivo, não comentaremos esta proposta.

A segunda proposta, defendida por Barbosa, “relaciona-se com o grau de divergência entre a LO e a LT”. Esta proposta, segundo a autora (2004: 111):

...eliminaría a tensão entre *tradução livre* e *literal*, proporcionando uma passagem suave de um eixo para outro, como no caso da *tradução literal* para a *transposição*.

Além disso, a seleção dos procedimentos técnicos da tradução passaria a ser informada pela teoria das funções da linguagem, pelo tipo de texto e pela finalidade da tradução. Sob esta ótica, todos os procedimentos são igualmente válidos, quer sejam extremamente literais ou totalmente livres, pois já não seriam escolhidos arbitrariamente.

Barbosa baseia tal proposta nas constatações feitas por Vinay e Darbelnet de que a *tradução direta* é possível quando há paralelismo estrutural e extralingüístico entre a LO e a LT e de que, entre línguas de mesma família, e principalmente de mesma cultura, são encontrados os exemplos mais numerosos de *tradução literal*. Para a estudiosa, estas afirmações permitem concluir que uma divergência lingüística e extralingüística mínima (denominada “convergência”) permitirá o uso mais freqüente da *tradução literal*, enquanto uma divergência maior obrigaria o tradutor a procurar recursos tradutórios mais complexos.

Também servem de base para a proposta de Barbosa as considerações de Mounin (1963) sobre os fatores que causam dificuldade na tradução: as diferenças de realidades extralingüísticas; as diversas maneiras como cada sistema lingüístico divide e analisa as experiências destas realidades; as organizações diversas dos sistemas lingüísticos e as

divergências estilísticas: de registro, da probabilidade de ocorrência de um enunciado e do grau de adequação de um enunciado a uma situação (Hymes, 1979: 22-23).

Sendo assim, na proposta de categorização de Barbosa, os *procedimentos técnicos da tradução* se distribuiriam ao longo de quatro eixos:

1) *A convergência do sistema lingüístico, do estilo e da realidade extralingüística*. A convergência da realidade extralingüística existiria “quando duas línguas fossem usadas para expressar duas realidades que tivessem uma diferença mínima entre si” (Barbosa 2004: 92). Na presença dessa convergência poderia haver também convergência dos sistemas lingüísticos. Neste caso, haveria mínima divergência morfológica, sintática e estrutural (línguas de mesma família e mesma cultura). Por fim, a convergência estilística seria a convergência dos modos expressivos (expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade, segundo a definição de estilo de Bally). Essas convergências podem ocorrer somente entre algumas instâncias ou segmentos de texto.

Nos casos em que existissem tais convergências, o tradutor poderia lançar mão da *tradução palavra-por-palavra* e da *tradução literal*. Da primeira, quando a convergência é máxima e da segunda se for necessário fazer alterações morfo-sintáticas para produzir um texto aceitável na LT.

Barbosa observa que a *tradução literal* talvez seja o procedimento mais comum nas traduções. Mas que para realizar sua ordenação dos *procedimentos técnicos da tradução* utilizou-se não do critério de frequência, mas de um critério de afastamento progressivo da LO, em que a *tradução literal* poderia funcionar inclusive como uma pré-tradução, utilizada pelo tradutor para avaliar que procedimentos empregar em sua tradução.

2) *A divergência do sistema lingüístico*. As dificuldades encontradas pelo tradutor em função das organizações diversas dos sistemas lingüísticos e das diversas maneiras como cada língua divide e analisa as experiências da realidade extralingüística, obrigam o tradutor a

empregar procedimentos que visariam preservar, além do sentido original, a gramaticalidade. Quando a divergência não pode ser sanada através da *tradução literal*, deve-se empregar a *transposição*, a *modulação* e a *equivalência*.

Barbosa aponta que a *transposição* é o terceiro procedimento apresentado em sua proposta por ser a segunda mais usada depois da *tradução literal* e por ser um desdobramento da *tradução literal*, que já consiste em efetuar algumas alterações morfo-sintáticas quando necessário. Além disso, Barbosa lembra que a *transposição* e a *modulação* podem ser facultativas ou obrigatórias.

3) *A divergência de estilo*. Os modos expressivos variam de uma língua para outra e esse tipo de divergência pode impossibilitar a *tradução literal*. Diante das divergências de estilo o tradutor utiliza a *omissão*, a *explicitação*, a *compensação*, a *reconstrução de períodos* e as *melhorias* de acordo com o tamanho do segmento de texto que envolvem: *omissão* e *explicitação* para pronomes pessoais, por exemplo; *compensação*, *reconstrução* e *melhorias* em seguimentos maiores, podendo atingir até a totalidade do texto a ser traduzido.

A experiência de Barbosa como tradutora e professora de tradução é também utilizada por ela para listar os procedimentos referentes à divergência estilística. A autora afirma que a ordem de frequência com que nota serem utilizados estes procedimentos é a mesma em que estão listados em seu trabalho.

4) *A divergência da realidade extralingüística*. Esse tipo de divergência causa divergências no léxico e até mesmo nos modos expressivos e é a que mais interfere na leitura do TLT, aponta Barbosa.

Nesse caso, são propostos pela autora os seguintes tipos de tratamentos aos itens lexicais, sintagmáticos e a segmentos textuais que reflitam a divergência extralingüística: 1) a *transferência* do item lexical da LO para a LT por meio de *estrangeirismo*, *transliteração* ou *aclimatação*; 2) a *transferência* do item lexical da LO para a LT com *explicação*; 3) o

emprego da definição ou *explicação* do elemento lexical sem transferi-lo; 4) o *decalque* dos tipos frasais e 5) a *adaptação* de um segmento de texto que contém uma situação desconhecida na LT, ou que dê uma impressão diversa da pretendida a seus falantes.

Seguindo então, o critério de maior proximidade a maior distanciamento lingüístico e extralingüístico entre as línguas envolvidas na tradução, a proposta de Barbosa é esquematizada no seguinte quadro (Barbosa 2004: 93):

PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO

Convergência do Sistema Lingüístico, do Estilo e da Realidade Extalingüística	Divergência do Sistema Lingüístico	Divergência do Estilo	Divergência da Realidade Extralingüística
Tradução palavra-por-palavra			
Tradução literal			
	Transposição		
	Modulação		
	Equivalência		
		Omissão vs Explicação	
		Compensação	
		Reconstrução	
		Melhorias	
			Transferência
			Transferência c/ Explicação
			Decalque
			Explicação
			Adaptação

Quadro 1: Proposta de categorização dos procedimentos técnicos da tradução de Barbosa (2004)

1.4 As modalidades de tradução de Aubert (1998) e sua reformulação em 2006

Em 1998, Aubert publica o artigo “Modalidades de tradução: teoria e resultados”, no qual propõe, “com certo grau de detalhamento, um modelo para a pesquisa tradutológica baseada em corpus e com possibilidade de análise quantitativa” (p. 99) derivado da proposta

de Vinay e Darbelnet (1958). Suas *modalidades* são outro exemplo das taxonomias no nível da palavra e do sintagma de que fala Fawcett.

Na introdução de seu trabalho, apesar das abordagens mais textuais terem se tornado mais aceitas no estudo da linguagem em geral e da tradução em particular, Aubert defende “uma observação mais detalhada dos mecanismos lingüísticos frásticos e sub-frásticos que se manifestam em todo e qualquer ato tradutório” (Aubert 1998: 99) com dois argumentos que denomina “evidências empíricas”: os progressos na tradução por computador baseados na montagem de algoritmos interlinguais operativos criados a partir da estrutura lingüística interna (ocorrido nos 10-15 anos anteriores à sua pesquisa), e a percepção (em Aubert 1995) de que no dia-a-dia do tradutor profissional, a tradução é uma operação bastante centralizada na palavra. Esta percepção, segundo o autor, também sublinha a relevância de uma abordagem técnica, não em contraposição, mas em relação de complementaridade com abordagens mais textuais.

Em sua reformulação do modelo de Vinay e Darbelnet, Aubert passa a chamar os *procedimentos técnicos da tradução* de *modalidades de tradução*, a fim de retratar sua mudança de foco, que se transfere da descrição dos procedimentos para a descrição dos produtos da tradução.

O autor aponta três questões centrais de natureza prática e metodológica em seu trabalho: “(i) formular a indagação adequada; (ii) definir a unidade textual a servir de base para a quantificação; (iii) propor uma redefinição de cada modalidade, de modo a evitar maiores flutuações no processo de análise e qualificação” (p. 103).

A indagação formulada foi “quantos % do texto original reaparecem no texto traduzido sob a forma de determinada modalidade?” (p. 103).

A unidade textual escolhida foi a palavra graficamente definida, por ter, exceto nos casos de nomes próprios, hífen e similares, pouca ou nenhuma ambigüidade de interpretação,

o que faria com que houvesse pouca variação de pesquisador a pesquisador e possibilitaria pesquisas sistemáticas e abrangentes, baseadas em *corpus* de escopo mais ambicioso. Porém, o autor observa que cada palavra do texto original deve ser considerada no contexto do sintagma, da oração e do contexto mais amplo em que ocorre para, enfim, poder ser buscada no texto traduzido, onde pode reocorrer, explicitamente, como palavra isolada, sintagma nominal ou verbal, morfema ou paráfrase, ou implicitamente, condensada, sugerida por uma ou mais soluções oferecidas pelo tradutor. Isso demonstra, segundo Aubert, que a escolha da unidade lexical não se fundamenta em “qualquer teoria ‘ingênua’ da linguagem, representando, tão somente, uma solução conveniente para a quantificação de dados textuais” (p. 104).

As *modalidades de tradução* são 13, definidas pelo autor como segue:

- *Omissão*. Ocorre “sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta” (p. 105).
- *Transcrição*. “Inclui segmentos que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas” (p. 104) ou que não pertençam a nenhuma das duas, mas a uma terceira, e seriam percebidos como empréstimos no Texto Fonte. Ocorre também quando o Texto Fonte contém uma palavra ou expressão da Língua Meta.
- *Empréstimo*. Consiste em reproduzir no Texto Meta um segmento textual do Texto Fonte, com ou sem marcadores específicos de empréstimo.
- *Decalque*. Ocorre quando se empresta uma palavra ou expressão da Língua Fonte, submetendo-a a adaptações gráficas e/ou morfológicas, a fim conformá-la às convenções da Língua Fonte, e a palavra ou expressão emprestada não está nos principais dicionários recentes da Língua Fonte.

- *Tradução Literal*. É a tradução *palavra-por-palavra*, em que, ao comparar os segmentos textuais do original e da tradução, observa-se: “(i) o mesmo número de palavras; (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlingüísticos” (p. 106).
- *Transposição*. Acontece quando um dos três primeiros critérios da tradução literal não é cumprido: quando são feitos rearranjos morfo-sintáticos. Pode ser obrigatória: “imposta pela estrutura morfo-sintática da língua alvo” ou facultativa: “a critério do tradutor”.
- *Explicitação / Implicação*. A primeira acontece quando informações implícitas no texto fonte passam a ser explícitas no texto meta, e a segunda, quando informações explícitas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual, passam a ser implícitas no texto meta.
- *Modulação*. Quando um dado segmento textual é traduzido “de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos” (p. 108). Também pode ser facultativa ou obrigatória.
- *Adaptação*. Denota assimilação cultural: “a solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial de *sentido*, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em questão, mediante uma intersecção de traços pertinentes de sentido, mas abandona qualquer ilusão de equivalência ‘perfeita’” (p. 108).
- *Tradução intersemiótica*. Consiste em reproduzir, na tradução, figuras, ilustrações, brasões, etc. do texto fonte como material textual.

- *Erro*. Quando o significado da tradução é totalmente diferente do sentido do texto original. Quando, nas palavras do autor, se troca “gato por lebre”.
- *Correção*. Ocorre quando o tradutor opta por “melhorar” o texto meta em comparação com o texto fonte.

Aubert indica que as *modalidades de tradução* podem ocorrer sozinhas ou de forma híbrida, e que a *transcrição*, o *empréstimo*, o *decalque* e a *tradução literal* são coletivamente denominados de *tradução direta*, enquanto a *explicitação / implicação*, *modulação*, *adaptação* e *tradução intersemiótica* formam o conjunto da *tradução indireta*.

O modelo que acabamos de ver foi revisto por Aubert em 2006 e algumas alterações foram feitas a fim de

...estabelecer coerências com outras abordagens, notadamente aquelas que consideram os efeitos dos marcadores culturais e aquelas que buscam mapear as operações enunciativas (Culioli 2000) presentes nos originais e suas respectivas traduções. (Aubert 2006: 60)

A principal mudança na organização (ou estrutura) do modelo visa dar conta das semelhanças entre as *modalidades*, de modo a poder identificar tendências mais gerais, e, conseqüentemente, assegurar maior consistência aos resultados obtidos na comparação entre original e tradução. Aubert agrupa *modalidades* próximas em categorias mais amplas. Isso, para ele, torna o modelo mais adequado “à descrição das especificidades da tradução literária” (2006: 60). Sendo assim, mantém, da primeira proposta, a existência de uma escala de diferenciação entre texto fonte e texto meta, porém essa escala parece não ser tão linear como é a de 1998. Considerando os agrupamentos das *modalidades* semelhantes feito na revisão do modelo, podemos dizer que Aubert relativiza tal escala, e desse modo a nova escala parte de “uma certa indiferença entre original e tradução,

para aquém da qual ocorre a omissão” (Aubert 2006: 63), e estende-se até um grau máximo, ultrapassado quando ocorre o erro.

Não mudam, porém a palavra graficamente definida como unidade de análise, a maneira de considerar esta unidade (tendo em conta seu contexto e co-texto de ocorrência) e a indicação da possibilidade de co-ocorrência de duas ou mais *modalidades* no mesmo segmento textual.

Depois de reorganizado, o modelo é apresentado da seguinte maneira:

- *Omissão*. Tem a mesma definição de 1998 e está “aquém” da “indiferenciação entre original e tradução” (p. 64) que ocorre no grau zero da escala de diferenciação entre o texto original e a tradução.
- *Espelhamento*. É o primeiro dos agrupamentos de *modalidades* semelhantes. Ocorre “quando um determinado segmento do texto original reocorre no texto traduzido, sem alterações, ou com pequenas alterações gráficas e/ou morfosintáticas” (p. 64). Nesse grupo estão a *transcrição*, o *empréstimo* e o *decalque*. Sendo que o *decalque* não mais necessita de a palavra emprestada não estar dicionarizada na língua fonte para se caracterizar.
- Na *Literalidade*, o segundo agrupamento, estão incluídos a *tradução palavra-por-palavra (tradução literal)*, a *transposição* e a *explicitação*. Esta categoria das *modalidades* é definida como um conjunto de soluções tradutórias em que a tradução do texto original, no segmento textual observado, é feita de forma direta, “valendo-se de soluções configuradoras de uma certa sinonímia interlingüística e intercultural no contexto dado” (p. 64).
- As *modalidades* do terceiro agrupamento, chamado de *equivalência*, são a *implicação*, para a qual Aubert adverte que não guarda relação evidente com a explicitação, apesar de ser seu inverso, e que pode assemelhar-se à omissão

quando, para evitar dificuldades, afasta “a necessidade de estabelecer equivalências sobre barreiras culturais mais desafiadoras” (p. 66), a *modulação* e a *adaptação*, que não têm mudança em comparação com suas definições na primeira proposta do modelo. O autor define as *modalidades* do grupo da *equivalência* como aquelas que “manifestam-se em diversas formas de deslocamento ou refração semântico-pragmática, e, no limite, levam o texto traduzido – ou segmentos desse – à reescrita interpretativa na ótica da cultura de recepção” (p. 65). Nelas, se observa a maior visibilidade da interferência e co-autoria do tradutor.

- A *tradução intersemiótica* é observada, nesta nova estruturação, pensando-se na tradução literária, e neste caso, o texto é representado por algum tipo de figura, enquanto em 1998, figuras do texto original eram retomadas na tradução sob a forma de material textual.

- O *erro* é a ausência de qualquer intersecção entre o texto fonte e o texto meta, estando, portanto, além do grau máximo da escala de diferenciação entre tais textos. Embora conceitualmente seja a mesma, observamos que a definição de erro na reformulação feita por Aubert em 2006 é mais clara do que a de 1998, quando tal modalidade de tradução era definida como aquela que ocorria somente em “casos evidentes de ‘gato por lebre’” (Aubert 1998: 109).

2 ERRO DE TRADUÇÃO E COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

2. 1. O conceito de erro de tradução

Segundo Hurtado (2001: 298), a noção de erro de tradução, ao remeter à questão da análise da qualidade das traduções, se liga, de modo amplo, à avaliação em tradução, e pela importância que a avaliação da qualidade das traduções tem no ensino de tradução (para controlar a aquisição da competência tradutória) a maioria dos estudos sobre erro de tradução se relacionam a estudos sobre a didática da tradução.

Os estudos sobre erro de tradução definem vários tipos de erros e partem de diversos pontos de vista para identificar esses erros. Alguns autores não empregam exatamente a palavra *erro*, preferem os termos *falha* ou *inadequação*. Hurtado apresenta como exemplo, Gouadec (1981), Dancette (1989), Gile (1992) e Delisle (1993). Outros distinguem ainda entre *erro* e *falha*, por exemplo, Spilka (1984)

Para Hurtado, embora existam vários tipos de erro, identificados a partir de diversos pontos de vista, o erro de tradução pode ser definido, de modo geral, como uma “equivalência inadequada para a tarefa tradutória encomendada” (2001: 298).

A autora nos apresenta trabalhos, que separam de acordo com os pressupostos teóricos de seus autores e segundo as maneiras como esses autores definem e analisam os erros de tradução.

Delisle (1993: 31), define os erros de tradução distinguindo entre *erros de língua*: “um erro que aparece no texto de chegada e que está vinculado a um desconhecimento da língua de chegada” e *erros de tradução*: “um erro que aparece no texto de chegada, que procede de uma interpretação errônea de um segmento do texto de partida e costuma produzir um falso sentido, um contra-senso ou um sem sentido”.

A divisão de Delisle (1993), entre erros (*faltas*) na língua de chegada e erros (*faltas*) de tradução, faz parte da categorização que, segundo Hurtado, é a mais utilizada para definir os erros de tradução, apesar de ter recebido várias críticas. Está relacionada às duas fases essenciais do processo tradutório: compreensão e reexpressão. Nessa categorização, são propostas categorias como *falso sentido*, *sem sentido*, *contra-senso*, etc. (para se referir à transmissão do texto original) e *ortografia*, *gramática*, *léxico*, etc. (para se referir à língua de chegada).

Os trabalhos de Dancette (1989) e Palazuelos *et al.* (1992) são apresentados por Hurtado como exemplo dos que focalizam suas análises na origem dos erros de sentido.

Para Dancette, o erro de tradução pode ocorrer em um dos seis níveis que descreve, ou em mais de um desses níveis ao mesmo tempo. Esses níveis são: *código tipográfico*, *morfologia*, *léxico*, *uso do contexto para escolher o significado de palavras e expressões*, *uso do contexto para definir as relações sintáticas e semânticas*, e *uso de conhecimentos extralingüísticos para verificar a adequação da unidade textual em relação com o mundo de referência*. A autora, interessada em estudar a origem dos erros tradicionais (*contra-senso*, *sem sentido*, etc.), focaliza sua análise na incompreensão e no desvio do sentido, que podem estar ligados à má decodificação lingüística e a falhas nas operações cognitivas.

Palazuelos *et al.*, propõem tipos de relações possíveis entre o texto original e o texto traduzido (*sentido equivalente*, *sentido diferente*, *sentido ininteligível...*) para classificar os erros, mas não consideram os erros na língua de chegada por acreditarem que esses erros não são propriamente de tradução. Hurtado observa, porém, que os erros na língua de chegada também fazem parte do processo tradutório, pois interferem no resultado da tradução.

Gouadec (1981, 1989a) e Sager (1989), ainda segundo Hurtado, são autores que propõem vários parâmetros de análise do erro.

Gouadec define quatro parâmetros que caracterizam o erro de tradução: 1) os tipos de erros existentes; 2) sua origem e 3) suas causas; 4) sua natureza, e afirma que o erro, “distorção injustificada de uma mensagem e/ou de suas características” (1989: 38 *apud* Hurtado 2001: 294), pode ser avaliado sob dois aspectos: o conjunto de regras genéricas de comunicação (*distorção por efeito absoluto de comunicação*) e o conjunto de determinantes de um projeto de tradução (*distorção por efeito relativo de transferência*). Dessa forma, postula dois tipos de erro, que diz ocorrerem sempre em função da falta de escolha ou de uma escolha inadequada:

- *Erro absoluto*: independente de todo efeito de tradução, é uma transgressão injustificada das regras de gramática cultural, das regras de gramática lingüística ou das regras de uso.
- *Erro relativo*: deve-se à não preparação de um projeto de tradução, à não preparação adequada de um projeto de tradução ou ao não respeito a um ou vários determinantes do projeto de tradução, que podem ser de origem externa (destinatário, finalidades, etc.) ou interna (objetivo, tema, etc.), ou ainda interna-externa (modo de apresentação da tradução, etc.)

A natureza do erro, segundo Gouadec, pode ser: uma *omissão*, *inversão* (ou *ruptura*), *adição* ou *desvio* injustificados.

Sager, assim como Gouadec, propõe vários parâmetros de análise do erro. Sager postula que o tipo de erro e o efeito do erro no texto sejam combinados para analisar a qualidade das traduções profissionais. Os tipos de erro que o autor define (*inversão de significado*, *omissão* e *adição*) podem ter três tipos de efeitos: o *lingüístico* (afeta um elemento principal ou secundário da oração), o *semântico* (afeta um elemento principal ou secundário, como tema central ou exemplo) e o *pragmático* (afeta ou não, de maneira significativa, a intenção do autor).

Os trabalhos de House (1977), Kupsche-Losereit 1985) e Nord (1988) são alguns exemplos que Hurtado dá de trabalhos que partem de concepções funcionalistas para qualificar e avaliar os erros de tradução.

House diferencia *erros encobertos* de *erros ostensivos*. Segundo Hurtado, essas definições de erro transmitem considerações funcionalistas. Os *erros encobertos* estão ligados à falta de equivalência funcional entre original e tradução. Essa falta de equivalência depende de três fatores para se transformar em um *erro encoberto*: que as normas socioculturais do texto original e as expectativas referentes a essas normas sejam comparáveis às do meio de chegada, que as diferenças entre as duas línguas possam ser superadas e que a tradução não tenha nenhuma outra função secundária, se comparada ao texto original. Os *erros ostensivos* estão ligados à falta de equivalência denotativa entre elementos do texto original e da tradução (omissões, adições, substituições inadequadas) e aos erros na língua de chegada (erros gramaticais ou casos de aceitabilidade duvidosa por haver transgressão das normas de uso da língua de chegada).

Para Kupsch-Losereit, o texto original e a tradução têm que cumprir uma mesma função textual, específica, equivalente em uma situação comunicativa. Por pensar assim, sua definição de erro de tradução não se baseia na descrição de um sistema lingüístico, dada a necessidade de contemplar a precisão lingüística do ponto de vista de sua adequação funcional. A autora insiste na necessidade de não considerar os erros somente no nível gramatical ou lexical, mas também em níveis textuais mais altos, para poder levar em conta até que ponto a tradução se ajusta aos fatores pragmáticos que deveriam condicioná-la. De acordo com este conceito de tradução funcional, uma tradução deve corresponder de maneira funcional, semântica e sintática ao texto original. Desse modo, o erro de tradução é definido como uma falha que afeta: a) a função da tradução, b) a coerência do texto, c) o tipo ou a forma textual, d) as convenções lingüísticas, e) as convenções e condições específicas da

cultura e da situação e, f) o sistema lingüístico. Kupsch-Losereit propõe a adequação aos requisitos funcionais, a coerência do texto de chegada com o texto original, a adequação à coerência do texto de chegada, a adequação a situação comunicativa e às convenções da cultura de chegada e a adequação às convenções lingüísticas da língua de chegada como critérios para avaliar os erros de tradução.

Nord considera que os erros de tradução estão intimamente ligados à finalidade da tradução e a fatores como emissor, receptor, meio e função da tradução (que chama de *fatores extratextuais*), tema, conteúdo e pressuposições (que chama de *fatores intratextuais*). A autora afirma que um erro de tradução ocorre quando uma das instruções da tradução não é utilizada corretamente (quando não se cumpre o encargo de tradução). De acordo com esses pressupostos, Nord define três tipos de erro de tradução:

- *Erros pragmáticos*: prejudicam de maneira direta a funcionalidade da tradução, por desobedecer as instruções pragmáticas de seu encargo.
- *Erros culturais*: prejudicam a tradução de modo indireto, ao descumprir convenções e normas estilísticas gerais ou genéricas da língua de chegada.
- *Erros lingüísticos*: faltas gramaticais, de léxico, de pontuação, etc. cometidas na língua de chegada.

No contexto profissional, Nord hierarquiza os tipos de erros definindo os *erros pragmáticos* como os mais graves, pois esses erros não podem ser detectados somente pela leitura da tradução e, portanto, transmitem informações inadequadas ao leitor. Em seguida vêm os *erros culturais*, que dificultam, apesar de não impedirem, a compreensão da mensagem, mas podem ter como uma conseqüência o comprometimento da funcionalidade da tradução. Os *erros lingüísticos* são considerados os menos importantes no contexto profissional, porque a tradução inversa, por exemplo, que costuma apresentar esses erros com maior freqüência, costuma ser revisada por um especialista na língua de chegada. No entanto,

os *erros lingüísticos* podem assumir importância considerável quando são traduzidos termos de especialidade.

No contexto didático, a importância dos erros dependerá sempre do que se deseja controlar com a tradução. Se for o nível de competência lingüística, serão considerados mais graves os *erros lingüísticos*. Se for o nível de competência cultural, serão considerados mais graves os *erros culturais*.

Pym (1992c) diferencia dois tipos de erros:

- *binários*: existe distinção clara entre certo e errado.
- *não binários*: não existe distinção entre certo e errado, mas uma questão de “é correto, mas...”, o tradutor tem pelo menos duas opções de traduções corretas e as restantes (incorretas), dentre as quais deve escolher.

Hurtado afirma que para efetuar tal diferenciação, o autor parte de seu conceito de competência tradutória (processo de geração e seleção entre vários textos possíveis) e propõe uma definição operacional da competência tradutória que pressupõe que os erros de tradução estariam relacionados com a possibilidade de seleção de um grande número de textos de chegada potenciais, independentemente da causa e da natureza desses erros.

Hurtado apresenta os trabalhos de Kussmaul (1995) e Hatim e Mason (1997) como os principais dentre os trabalhos de autores que afirma focalizarem suas análises dos erros de tradução na importância de aspectos comunicativos e na influência do contexto.

Kussmaul propõe, para a avaliação no ensino de tradução, um tratamento comunicativo do erro, que deriva do âmbito da tradução profissional. Esse tratamento considera o erro dentro de todo o texto e leva em consideração tanto o encargo da tradução quanto o destinatário. O autor está de acordo com Pym (1992) em que, na aula de tradução, deve-se dedicar atenção aos erros *não binários*, porque esses erros permitem que a avaliação seja feita tanto em termos qualitativos quanto em termos quantitativos, e enfatiza a semelhança que

existe entre a abordagem do erro feita por Pym e a que ele mesmo propõe sob o nome de “a máxima do grau de precisão suficiente” (tentar reproduzir somente as características relevantes em um dado contexto em relação com a função da tradução). De acordo com a abordagem comunicativa que recomenda, Kussmaul insiste em que não existe apenas uma maneira de avaliar e em que se deve pensar no efeito que o erro terá sobre a tradução, no alcance desse erro. Quem avalia deve se perguntar se o erro distorce o sentido de uma frase, de um parágrafo ou, inclusive, de um texto inteiro, se o erro impede ou anula a comunicação, se desperta efeitos psicológicos. Como exemplo, Kussmaul comenta que erros ortográficos podem alterar o significado de toda uma oração, e o que seria um erro apenas no significado de uma palavra pode distorcer o significado de todo um texto.

O autor utiliza o termo *adequação* para apresentar quatro das cinco categorias de avaliação de traduções:

- *Adequação cultural*: que deve ser considerada em relação com seu efeito comunicativo.
- *Adequação situacional*: que está relacionada a questões como meio, modo, tipo, etc. e às características estilísticas do texto de origem.
- *Adequação aos atos de fala do texto original*: que devem ser avaliados no contexto, levando em consideração o efeito que produzem no receptor, o que esse receptor irá supor a partir do contexto e da situação.
- *Adequação ao significado das palavras*: o erro comum de distorção do significado das palavras costuma estar ligado à má interpretação do texto original e, dependendo de seu alcance, pode ter conseqüências comunicativas graves, como nos exemplos dos erros ortográficos que podem afetar o significado de todo um texto.

- *Erros lingüísticos*: falhas no uso de preposições, tempos verbais, etc., que devem ser avaliadas em função de seu efeito sobre a inteligibilidade do texto e sobre seu receptor.

Hatim e Mason consideram que, ao avaliar uma tradução, somente é possível fazer julgamentos válidos relacionando erros pontuais com requisitos globais (aspectos da dimensão comunicativa, pragmática e semiótica) e discutindo o erro de tradução dentro de uma análise contextual.

Os autores recomendam que a palavra erro se limite à categoria que House denomina *erros ostensivos* (de língua). Nos demais casos, a avaliação consiste em julgar a adequação quanto ao leque de opções à disposição do tradutor. Insistem em que, ainda que tais julgamentos nunca possam chegar a ser totalmente objetivos, é possível encontrar um consenso entre os tradutores profissionais sobre a adequação de várias traduções alternativas, sobretudo se são especificados com clareza os detalhes do encargo da tradução (a pessoa que promove a tradução, o objetivo, o receptor).

No último grupo, estão Séguinot (1989) e Gile (1992), apontados por Hurtado como autores que se preocupam principalmente com as causas dos erros.

Séguinot afirma que, nos estudos de tradução predominam as abordagens prescritivas de análise do erro, que o definem como infração das normas lingüísticas ou tradutórias. Diferentemente, em um estudo que não parta de uma abordagem prescritiva dos erros de tradução, os papéis das normas e dos erros passam a ser outros: as normas proporcionam meios de identificar os erros, que, por sua vez, passam a ser percebidos como manifestações de fenômenos estudados. Além disso, a autora aponta que esses estudos buscam também a causa dos erros. Dentre as quais estão as limitações de tempo, a concomitância do ato de traduzir com outra tarefa, etc.

Séguinot ressalta que existem erros típicos do processo de formação do tradutor, que indicam a passagem de um para outro nível da competência tradutória, e também que existem erros de falta de compreensão da língua fonte ou de domínio da língua de chegada. Acrescenta a eles os erros que são uma consequência normal do processo tradutório e os erros que são normais quando se aprende a traduzir.

Gile classifica os erros de tradução partindo de um ponto de vista pedagógico. Para o autor, os erros devem ser classificados de acordo com sua localização no processo tradutório. Dessa maneira, podem ocorrer 1) *falhas na compreensão*, que têm origem na etapa de análise, na elaboração de hipóteses de sentido, e podem ser consequência de carências nos conhecimentos necessários para traduzir (lingüísticos e extralingüísticos) ou de erros cometidos no momento da busca de informações, e 2) *falhas na restituição*, que também podem decorrer de deficiências nos conhecimentos (principalmente os lingüísticos) ou de uma busca de informações inadequada.

Observamos que a definição de erro de Aubert (1998, 2006) leva a crer que o autor privilegia os erros que são propriamente de tradução, envolvendo falsos sentidos (“gato por lebre”), etc., e não deixa totalmente claro se erros de língua, como os de ortografia e concordância, seriam tabulados como erros. Em nossa aplicação das *modalidades* para observar os erros em relação com o desenvolvimento da CT e em relação com a proficiência bilíngüe, consideramos que a correção na língua de chegada é um fator de qualidade que indica maior grau de profissionalismo na tradução. Por isso, optamos por tabular como erros as quebras das normas de correção lingüística no texto traduzido, apesar de não fazermos uma análise qualitativa com base em alguma das categorizações como as relacionadas neste capítulo. Notamos, porém que seria interessante, como seqüência deste estudo, realizar uma observação qualitativa que levasse em conta diferentes tipos de erros.

2.2. O conceito de competência tradutória e seu desenvolvimento

Adotaremos neste trabalho, no qual devido a limites de tempo não foi possível estudar as discussões em torno da definição de competência tradutória (CT), as definições gerais de CT propostas por Hurtado (2001) e as principais características dessa competência, propostas no modelo do grupo PACTE, coordenado pela autora em um estudo empírico sobre a CT.

Hurtado (2001) define a CT como “a competência que capacita o tradutor a efetuar as operações cognitivas necessárias para desenvolver o processo tradutório” (p. 375), “a habilidade de saber traduzir” (p. 385), “o sistema subjacente de conhecimentos, habilidades e destrezas e atitudes necessários para traduzir” (p. 394).

O grupo PACTE, que desde 1998, desenvolve um programa de estudos com o objetivo de propor uma descrição e um modelo da CT baseados em observações empíricas, valendo-se de dados de produto e processo tradutório, até 2005, definia essa competência como “o sistema subjacente de conhecimentos necessários para traduzir”, e a caracterizava principalmente como: 1) um conhecimento especializado que nem todo bilíngüe possui, que é 2) basicamente operativo ou procedimental (se adquire pela prática, gradualmente e é difícil de verbalizar); 3) composta por várias subcompetências que se relacionam entre si (as subcompetências *bilíngüe*, *extralingüística*, *instrumental*, *de conhecimentos sobre tradução e estratégica*), incluindo também componentes psico-fisiológicos (cognitivos e atitudinais, mecanismos psico-motores); (4) uma competência na qual o componente estratégico tem atuação central, especialmente importante, pois atua na detecção de problemas e nas tomadas de decisões para resolução de problemas, gerencia o processo tradutório.

Cinirão (2007a: 6) afirma que a CT é um “conjunto de habilidades e conhecimentos que o tradutor experiente e competente possui, que o habilitam a realizar traduções de boa qualidade, segundo exigências profissionais de desempenho”.

Quanto à aquisição (ou desenvolvimento) da CT, costuma-se supor uma aquisição gradual. Apresentando o modelo do grupo PACTE, Hurtado fala de um processo, em etapas sucessivas de ampliações das subcompetências e reestruturação da interação entre elas, por meio do qual a CT é adquirida (Hurtado 2001: 406-408). Sobre o caráter gradual dessa aquisição, Cintrão (2007a: 6) diz que “supõe a existência de diferentes níveis percorridos pelos aprendizes na direção da competência do tradutor profissional, ou seja, da CT propriamente dita. Nas palavras de Toury (1995), esse processo seria aquele pelo qual ‘um bilíngüe se torna um tradutor’”.

3 TESTE DE METODOLOGIA

3.1 Apresentação do *corpus*

Para a realização deste trabalho utilizamos um *corpus*² composto por três *subcorpora*: o de um grupo principal, e os de dois grupos de controle de dados. O *subcorpus* principal, coletado de forma longitudinal, contém traduções diretas feitas por cada um dos seis membros do grupo de *estudantes principal* (EP), que realizaram tradução e retradução, com intervalo de quatro meses entre as duas, do conto “Historia de una Princesa” (Walsh 2000 [1966]). Esse grupo é formado por seis estudantes de Letras Português-Espanhol da USP, brasileiros, que cursavam o nível básico de espanhol como língua estrangeira (E/LE) quando realizaram a primeira tradução do conto, e cursaram uma disciplina piloto de introdução aos estudos de tradução, ao final da qual efetuaram a retradução. Com esse *subcorpus* esperava-se perceber se houve mudanças, de uma tradução para a outra, que pudessem ser atribuídas à aprendizagem adquirida durante a disciplina piloto.

O primeiro *subcorpus* de controle foi coletado da mesma maneira que o principal, e os estudantes, também seis do grupo de *estudantes de controle* (EC), que efetuaram as traduções e retraduições diretas contidas nesse *subcorpus*, têm o mesmo perfil dos membros do grupo EP, mas não passaram pela disciplina piloto. Com isso, tinha-se o objetivo de estudar se com o progresso de sua competência bilíngüe (por meio dos conhecimentos lingüísticos adquiridos no curso de Letras) poderiam ser notadas diferenças entre as traduções feitas pelos estudantes do grupo EC e, se essas diferenças poderiam ser comparáveis às ocorridas nas traduções do grupo EP. No entanto, será preciso considerar também que, por terem realizado duas

² Por ser parte do corpus coletado entre outubro de 2004 e maio de 2005 por Cintrão para sua tese de doutorado (2006) utilizaremos aqui os mesmos códigos para a tradução (T1) e retradução (T4) e para os sujeitos dos grupos EP, EC e P, conforme se verá na análise de dados.

traduções (T2 e T3) no intervalo entre a primeira e a segunda tradução do conto, além do aumento da competência bilíngüe, pode ter influído, nos resultados de T4 para esse grupo de controle, um aumento da experiência com a tradução de textos literários relativamente complexos.

O segundo *subcorpus* de controle é composto por seis traduções diretas do conto já mencionado: uma de cada membro do grupo de *profissionais de Letras (P)*, também brasileiros, que não realizaram a retradução do conto. Suas traduções foram coletadas para servir de parâmetro de comparação com as traduções dos grupos de estudantes no que se refere à CT. O que se esperava dessas comparações era observar as diferenças entre as traduções do grupo P e as traduções dos grupos EP e EC. Vale ressaltar, que tais diferenças referem-se a comparações das traduções de bilíngües altamente proficientes com traduções de alunos em fase de desenvolvimento da proficiência bilíngüe, pois os profissionais de Letras não acumulam a experiência nem a regularidade de trabalhos de tradução que têm sido requisito, em estudos empíricos mais recentes, para caracterizar um tradutor como profissional, mas certamente podem ser considerados indivíduos de alta proficiência bilíngüe no par lingüístico português-espanhol por terem todos Bacharelado completo em Letras Português-Espanhol, considerável experiência no ensino de E/LE, e por cinco deles serem mestres nas áreas de Língua ou Literatura Espanhola.

Contamos também com dois modelos (Modelo 1 e Modelo 2, mais literal que 1) de tradução do conto feitos por Cintrão, adotados como outra base de comparação com as traduções dos diferentes grupos, sendo que o Modelo 1 foi utilizado na preparação da equipe para a tabulação do *corpus*.

Grupos	Membros	Perfil dos membros	Nº de traduções do conto
EP	Seis	Graduandos em Letras-Espanhol, cursando o nível básico de E/LE, que cursaram a disciplina piloto	Duas, com intervalo de quatro meses
EC	Seis	Graduandos em Letras-Espanhol, cursando o nível básico de E/LE, que não cursaram a disciplina piloto	Duas, com intervalo de quatro meses
P	Seis	Bacharéis e Mestres em Letras-Espanhol, professores de E/LE Obs.: não considerados tradutores profissionais	Uma

Quadro2: Resumo dos perfis dos grupos

3.1.1. A disciplina piloto

A disciplina introdutória preparada por Cintrão para os estudantes do grupo EP teve caráter de curso-oficina (atividades práticas, mas também abordagem de questões teóricas) e foi dividida em dois módulos. No primeiro módulo (de quatro sessões, cada uma com quatro horas de duração), denominado “Teorias e práticas da tradução”, foram abordadas questões clássicas da teoria da tradução (procedimentos tradutórios, por exemplo) e buscou-se familiarizar os estudantes com o uso de diversos tipos de dicionários de papel como fontes de consulta tradicionais. No segundo módulo (de três sessões, cada uma com quatro horas de duração), denominado “Treinamento de base cognitiva: estratégias cognitivas, discursivas e textuais em tradução” foram trabalhados conceitos relacionados às abordagens cognitivas (como unidade de tradução e fases do processo tradutório), questões relacionadas às abordagens discursivas e textuais (como coesão, coerência, gêneros textuais), e também foi discutido o uso de tecnologias recentes: da internet como *corpus* por meio de recursos do site de busca *Google*, de listas da Internet, de dicionários disponíveis *on-line*, de dicionários eletrônicos e de programas de tradução automática e assistida (memórias de tradução).

Segundo Cintrão (2007b), a disciplina piloto, elaborada com a intenção de ser um “espaço didático no qual o estudante pudesse captar ‘princípios fundamentais que regem a tradução, começando a assumir um método de trabalho adequado’ (Hurtado, 1996)”, integrou questões que possibilitariam aos estudantes a formação de um entendimento mais amplo do

que é a tarefa do tradutor, para promover uma desestabilização de concepções da tradução como mera transferência de sentidos de uma língua a outra, feita essencialmente no nível da palavra.

As questões integradas foram: 1) *funcionalistas*: como a existência de unidades funcionais (Nord 1998), a finalidade da tradução e a conseqüente consideração do receptor da tradução no processo de tomada de decisões (Reiss e Vermeer 1994); 2) *discursivas*: como dialeto e registro (Hatim & Mason 1990), relação entre língua, cultura e visão de mundo, coesão e coerência, gêneros e tipos textuais, e 3) *cognitivas*: como “atenção aos próprios processos de segmentação de unidades de tradução, resolução de problemas baseada em apoio interno ou apoio externo, ou numa combinação de ambos, atenção aos próprios processos inferenciais, exercitação desses processos inferenciais (Alves *et al.* 2000)”.

Foram trabalhados como mais importantes princípios gerais da tradução e como princípios fundamentais para as tomadas de decisão pelo tradutor o *princípio de finalidade*, o *vínculo essencial entre língua e cultura* (Snell-Hornby, 1988) e a concepção de *tradução como interação comunicativa de mediação intercultural*.

3.1.2. Preparação do *corpus*

A preparação para a tabulação do *corpus* foi feita em conjunto com Heloísa Cintrão, orientadora deste trabalho, Bruna Macedo e Júlia Urrutia, que, também orientadas por Cintrão, realizam pesquisas sobre possíveis relações entre o uso de determinadas *modalidades de tradução* e os diferentes perfis dos sujeitos, analisando esse mesmo *corpus*. Para preparar a tabulação do *corpus* utilizamos o já mencionado modelo de Aubert (1998), que foi adaptado aos interesses de pesquisa e aplicado em conjunto à tabulação piloto de uma das traduções

modelo (M1) feitas por Cintrão, do conto “Historia de una princesa”, ainda na época de seu doutoramento.

Na tabulação piloto, levantamos pontos do conto cuja tabulação era potencialmente problemática, podendo fazer com que ocorressem divergências entre nossas tabulações das traduções feitas pelos grupos EP, EC e P, dada a natureza das diferentes soluções tradutórias oferecidas por diferentes membros desses grupos. Por isso, procuramos entrar em consenso sobre o modo como tabularíamos tais pontos, pois cada uma de nós, devido a limites de tempo, foi responsável pela tabulação de uma parte das traduções do *corpus*, e sabíamos que o ideal seria que os resultados não pudessem ser influenciados por possíveis diferenças na maneira como cada uma fizesse a tabulação de sua parte.

As mudanças que efetuamos no modelo de Aubert para adaptá-lo aos fins do estudo de nosso corpus foram as seguintes:

- 1) usamos uma planilha em Excel preparada por Cintrão para tabulação do conto, na qual os dados se organizaram da seguinte maneira: códigos numéricos atribuídos às *modalidades* encabeçaram as colunas; cada palavra do texto original foi digitada numa das linhas da coluna B, num total de 873 linhas (total de palavras do texto); para cada palavra do texto original atribuiu-se uma *modalidade*. Para marcar o uso de uma *modalidade*, seria colocado o número ‘um’ na célula que correspondia ao cruzamento entre aquela modalidade e palavra. Se mais de uma modalidade fosse atribuída à mesma palavra (para uma possível análise qualitativa dos dados, por exemplo), a segunda marcação seria feita com um número ‘zero’. Isso permitia que, por meio de fórmulas inseridas nas linhas finais, o programa, gerasse um cálculo automático do total de palavras traduzidas em cada modalidade (e seu percentual), desconsiderando, obviamente, as marcações com o número zero, que assim não influenciariam uma análise quantitativa dos dados que se baseasse, por exemplo, nas porcentagens de uso de cada modalidade. Dado que o *corpus* estudado é composto por 30

traduções do mesmo conto, esse procedimento permitiu construir uma planilha única, já com todas as palavras do texto e as fórmulas inseridas ao final, que facilitou a aplicação do método a cada uma das traduções.

2) Desconsideramos a *tradução intersemiótica* porque os membros dos grupos não traduziram a apresentação ilustrada do conto.

3) Mantivemos as outras *modalidades* propostas por Aubert, mas desdobramos algumas:

- O *decalque* foi dividido por Cintrão em *decalque lexical* e *decalque sintático*, dada a necessidade de marcar a diferença que existe entre emprestar somente uma palavra (*lexical*) ou toda uma construção sintática da língua fonte (*sintático*). Lembramos que Vinay e Darbelnet (1958) já subdividiam o *decalque*, porém não consideravam o *decalque* de palavras isoladas, como faz Cintrão, apenas o de sintagmas, distinguindo *decalque de expressão* de *decalque de estrutura*.
- A *tradução literal* foi dividida durante a tabulação teste, pela equipe, em *literal próxima* e *literal distante*, para que se pudesse diferenciar a *tradução literal* de palavras que possuem sentido e grafia aproximados nas línguas fonte e meta (próximas) das palavras que possuem apenas o sentido aproximado nas duas línguas (distantes).
- Seguindo a proposição feita por Aubert em 1998, a planilha inicial proposta por Cintrão dividia a *transposição* em *transposição facultativa* e *transposição obrigatória*.
- A *modulação* também foi dividida por Cintrão, conforme Aubert (1998) em obrigatória e facultativa, e notamos que, de fato, em alguns casos o ‘tradutor’ optou por ela onde poderia ter efetuado uma *transposição*, por exemplo. Desse modo, quando a *modulação* se deve à necessidade de suprir a distância entre a

maneira como as línguas fonte e meta expressam determinado significado, dizemos que ocorre *modulação obrigatória*, em contrapartida, quando é efetuada *modulação* onde outra modalidade mais literal poderia ter sido usada, ocorre *modulação facultativa*.

- O último desdobramento que realizamos durante o momento da tabulação teste foi o da *adaptação* em *adaptação estilística* e *adaptação cultural*. No primeiro caso, a definição foi pensada para as *adaptações* que apenas permitiram que recursos estilísticos do texto fonte como rimas, por exemplo, também figurassem na tradução. No segundo caso, mantivemos a definição de Aubert (1998).

4) Decidimos tabular também como *erro*, os casos de erros de ortografia, pontuação, etc. na língua de chegada, pois consideramos que a correção na língua de chegada é um fator de qualidade que indica maior grau de profissionalismo na tradução, e, portanto, pode ter alguma relação com o desenvolvimento da CT.

5) Para facilitar a visualização e auxiliar na distinção das marcações das *modalidades*, ao tabular, além dos códigos numéricos, atribuímos cores às colunas destinadas a cada uma delas.

6) Contamos a quantidade de vezes em que uma modalidade é atribuída a uma palavra por meio de uma fórmula inserida na coluna posterior a coluna da última *modalidade* para que não fosse marcado mais de um número um por palavra.

3.2 Aplicação da metodologia

Nosso teste de metodologia consiste em partir das tabulações do *corpus* há pouco descritas, que resultaram na distribuição, em números absolutos (nos gráficos, *totais*) e em porcentagens de uso (nos gráficos, %), de cada uma das *modalidades* por cada um dos

realizadores das traduções, focalizando nossa atenção sobre o *erro*, a fim de verificar se a maior ou menor incidência dessa modalidade diferenciaria os perfis dos estudantes do perfil dos bilíngües proficientes e se o aumento ou diminuição de ocorrências dessa *modalidade* ao longo do tempo, nas traduções dos mesmos estudantes, mostraria relação com ter passado ou não pelo curso de tradução. Sendo assim, observamos as mudanças nas traduções dos membros dos grupos de estudantes do grupo principal e as diferenças entre as traduções de um grupo para outro, já mencionadas durante a apresentação do *corpus*. Acreditamos que essas diferenças seriam percebidas por meio da observação da distribuição do *erro*: se essa distribuição apresentasse (quantitativamente) padrões recorrentes, segundo o grau de proficiência bilíngüe dos membros dos grupos EP, EC e P e se, entre a primeira e segunda tradução do conto, pudesse ser percebida alguma alteração nas traduções do grupo EP, que seguisse algum padrão regular, diferente de possíveis modificações no grupo EC, podendo estar ligada à intervenção pedagógica do curso piloto pelo qual passaram seus membros.

Um levantamento qualitativo de alguns dados obtidos através das tabulações foi feito pela colega Bruna Macedo para verificar se esses dados poderiam ser considerados confiáveis para o trabalho com a *modalidade decalque* ou se nas tabulações persistiram ou surgiram novas divergências que pudessem comprometer sua confiabilidade. Esse levantamento mostrou que as porcentagens de uso das *modalidades* às quais chegamos nesse primeiro teste da metodologia devem ser encaradas como dados provisórios, e, conseqüentemente as conclusões geradas a partir da observação desses dados também, pois ainda existem divergências entre as tabulações de trechos comparáveis que nos impossibilitam de afirmar que nossos resultados são perfeitamente confiáveis. No entanto, as tabulações das traduções T1 e T4 efetuadas pelos sujeitos dos grupos EP e EC parecem ser mais confiáveis por terem sido feitas pelas mesmas pessoas. Por isso dedicaremos maior atenção às mudanças percebidas nas comparações que envolvem T1 e T4.

Nos quadros a seguir estão os dados sobre o *erro*, obtidos nas duas tabulações das traduções modelo e nas tabulações das traduções dos grupos P, EP e EC:

Modelos e Grupo P								
	Modelo 1	Modelo 2	P1	P2	P3	P4	P5	P6
%	1	0,3	1,9	2,2	1,1	1,6	1,5	2,4
Totais	9	3	17	19	10	14	13	21

Quadro 3: frequência de ocorrências de erro para modelos e sujeitos do grupo P

Grupo EP						
	EP1	EP4	EP7	EP8	EP11	EP13
T1 %	4,8	6	9,6	5,4	4,7	1,9
T1 total	42	52	84	47	41	17
T4 %	3	4,5	6,5	3	3,1	1,1
T4 total	26	39	57	26	27	10

Quadro 4: frequência de ocorrências de erro para os sujeitos do grupo EP

Grupo EC						
	EC3	EC5	EC10	EC14	EC15	EC16
T1 %	7,3	3,6	1,7	4,5	3,9	5,6
T1 total	64	31	15	39	34	49
T4 %	3,4	6	1,7	3,6	3,8	4,5
T4 total	30	52	15	31	33	39

Quadro 5: frequência de ocorrências de erro para os sujeitos do grupo EC

Para analisar esses dados produzimos gráficos que se referem aos valores absolutos e às porcentagens de uso das *modalidades* por cada sujeito:

O primeiro par de gráficos, que se refere aos modelos e ao grupo P, mostra a distribuição do *erro* entre os sujeitos de P e por meio dele também podemos comparar o grupo P com os modelos de tradução. No grupo P percebemos grande variação na distribuição da modalidade, pois enquanto o sujeito P3 passa pouco da marca de 1% de erros (em números absolutos: 10 erros), o sujeito P6 chega a quase 2,5% (21 erros). A comparação dos modelos com o grupo P mostra que mesmo em relação ao Modelo 1, que contém mais erros do que o

Modelo 2, a quantidade de erros em P em geral é elevada, pois apenas o sujeito P3 se aproxima do Modelo 1 na quantidade de erros.

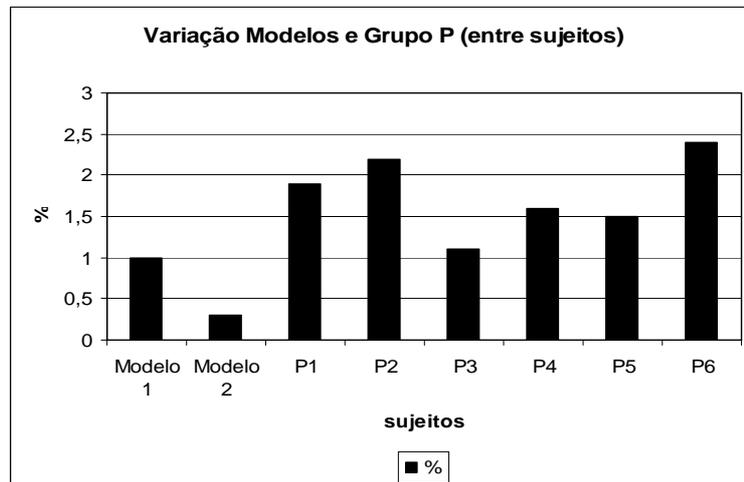


Gráfico 1: : frequência de ocorrências de erro para modelos e sujeitos do grupo P (%)

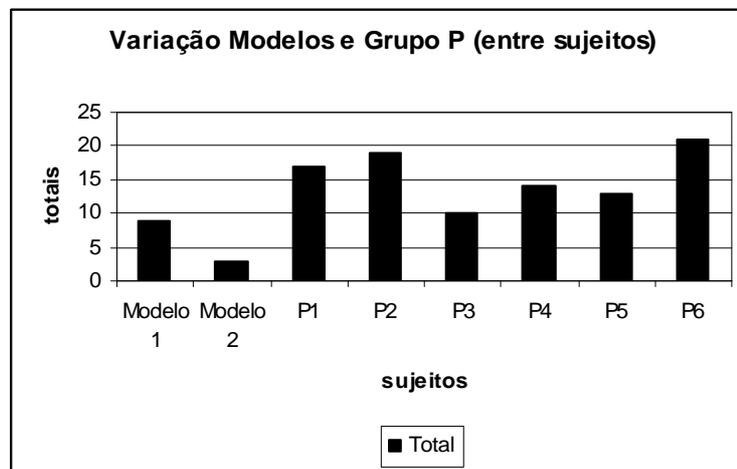


Gráfico 2: : frequência de ocorrências de erro para modelos e sujeitos do grupo P (totais)

O segundo par de gráficos, referente ao grupo EP, mostra as variações entre a tradução e a retradução do conto feitas por cada sujeito e de um sujeito para outro. Notamos que a porcentagem de erros cai de T1 para T4, para todos os sujeitos, mas EP7 (que apresenta o

maior número de erros em T1), embora acompanhe essa tendência à diminuição, fica ainda bastante acima dos outros na quantidade de erros.

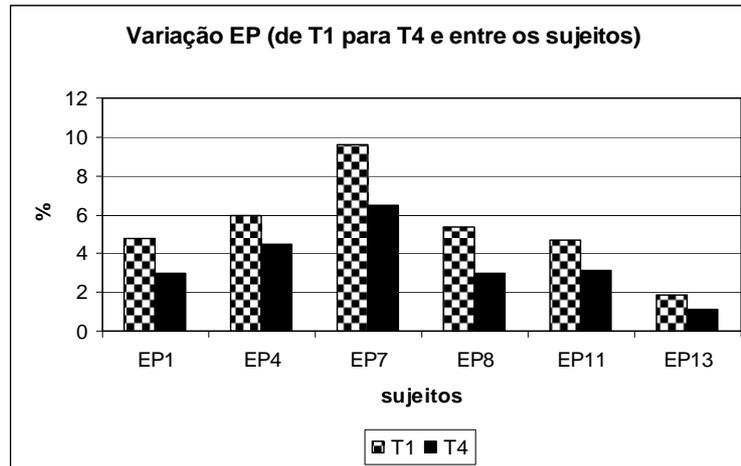


Gráfico 3 : frequência de ocorrências de erro para os sujeitos do grupo EP (%)

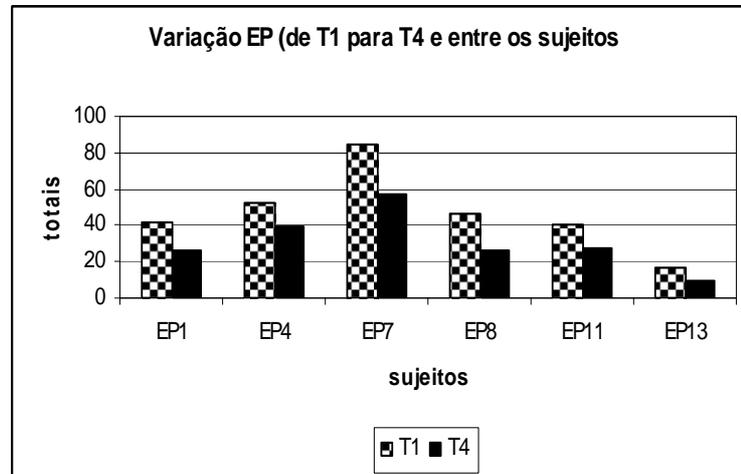


Gráfico 4 : frequência de ocorrências de erro para os sujeitos do grupo EP (totais)

O terceiro par de gráficos, referente ao grupo EC, também mostra as variações entre a tradução e a retradução do conto feitas por cada sujeito e de um sujeito para outro dentro do grupo. Notamos que de T1 para T4, o percentual de erros cai consideravelmente para EC3. O contrário ocorre com EC5, seus erros aumentam, não tanto quanto diminuem os de EC3, mas

também consideravelmente. Para EC14, EC15 e EC16 a porcentagem de erros diminuiu, porém não tão acentuadamente como para EC3. Para EC10 essa porcentagem não caiu. Isso mostra que dentro deste grupo não podemos notar uma tendência geral à diminuição de erros, como ocorre no grupo EP. Ao contrário, alguns sujeitos apresentam quedas, mas, no geral, são menos acentuadas que para o grupo EP, e o fato de um deles sequer mudar em T4 em relação a T1 e outro deles aumentar as ocorrências de erros de uma tradução para a outra, nos impede de afirmar que exista tal tendência para todos os sujeitos desse grupo.

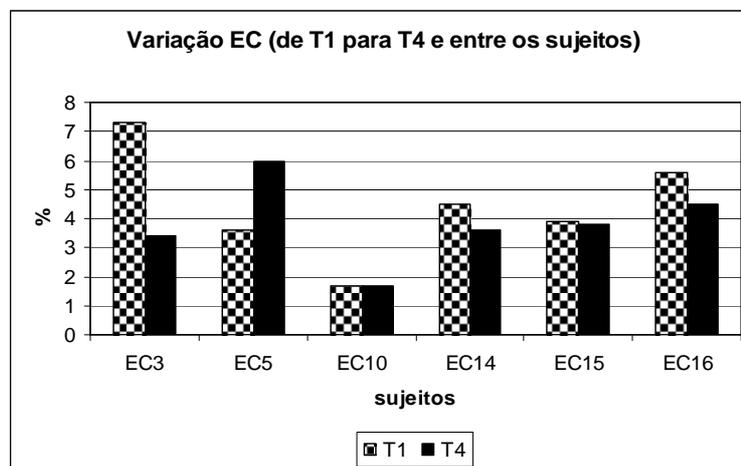


Gráfico 5 : frequência de ocorrências de erro para os sujeitos do grupo EC (%)

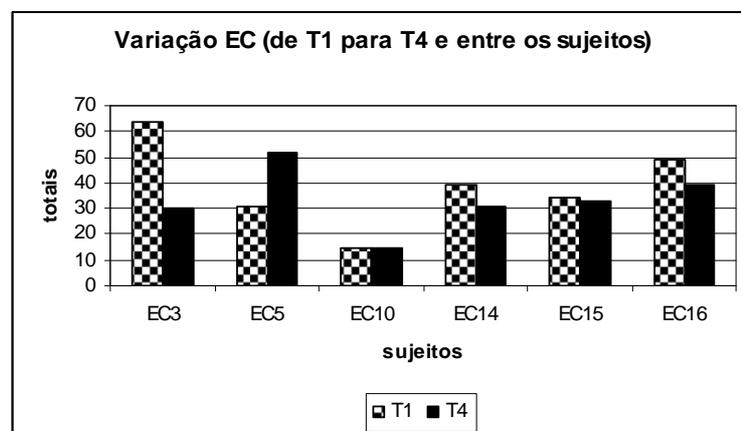


Gráfico 6 : frequência de ocorrências de erro para os sujeitos do grupo EC (totais)

Embora apresentemos um quadro e um gráfico para mostrar as médias de erros dos grupos e dos modelos, os dados provisórios que obtivemos apenas nos permitem dizer que, por hora, não parece ser tão significativa a média de erros cometidos para cada grupo, pois apesar da tendência de diminuição que notamos em EP (o que poderia estar relacionado à intervenção pedagógica do curso piloto), por exemplo, existem variações muito grandes de membro para membro dos grupos e essa média poderia então, não retratar de fato um padrão geral para os diferentes grupos.

É interessante notar, porém, que os dados sobre as traduções T1 e T4 mostram que os estudantes que passaram pela disciplina piloto tenderam a diminuir seus erros, ao passo que no grupo de estudantes que não sofreu a intervenção pedagógica da disciplina, houve maior irregularidade de comportamento entre os sujeitos e chegou a haver aumento dos erros de T1 para T4. Devido a isso, somos levados a crer que, em uma comparação entre os grupos EP e EC, a intervenção pedagógica seria mais influente do que o puro aumento da proficiência bilíngüe para o desenvolvimento da CT, pois apesar de os membros dos dois grupos possuírem o mesmo nível de proficiência bilíngüe, somente aqueles que tiveram instrução sobre tradução diminuiriam sistematicamente os erros em T4, o que nos parece ser um aspecto relevante da evolução na direção da CT.

A influência da intervenção pedagógica sobre a incidência dos erros de tradução seria, então sugerida por meio da comparação entre os grupos P e EP, e P e EC, indicando que instruções relacionadas à subcompetência de conhecimentos sobre a tradução incrementam a proficiência bilíngüe no processo de desenvolvimento da CT. Os dados indicam, no entanto, uma forte correlação entre erros e proficiência bilíngüe, já que, tanto na tradução quanto na retradução, EP erra muito mais do que P. Com EC, em relação a P, ocorre o mesmo. Nesse caso, a intervenção pedagógica já não se mostraria tão mais importante do que o aumento da proficiência bilíngüe para desenvolver a competência tradutória, as duas teriam uma

importante influência. Porém, ao consideramos que os estudantes do grupo EP tendem a diminuir seus erros e, nesse aspecto, a apresentar maior desenvolvimento da CT em relação aos de EC, apesar de não conseguirem deixar de apresentar uma quantidade de erros muito maior do que a encontrada nas traduções do grupo P, devemos apontar que a intervenção pedagógica parece ter tido papel considerável no desenvolvimento da CT, mas deve estar aliada ao desenvolvimento da proficiência bilíngüe.

Médias de erros dos grupos em números absolutos						
	M	P	EP T1	EP T4	EC T1	EC T4
médias	6	15,6	47,2	30,8	38,6	33,3

Quadro6: médias de freqüência de ocorrências de erro para os modelos e os grupos

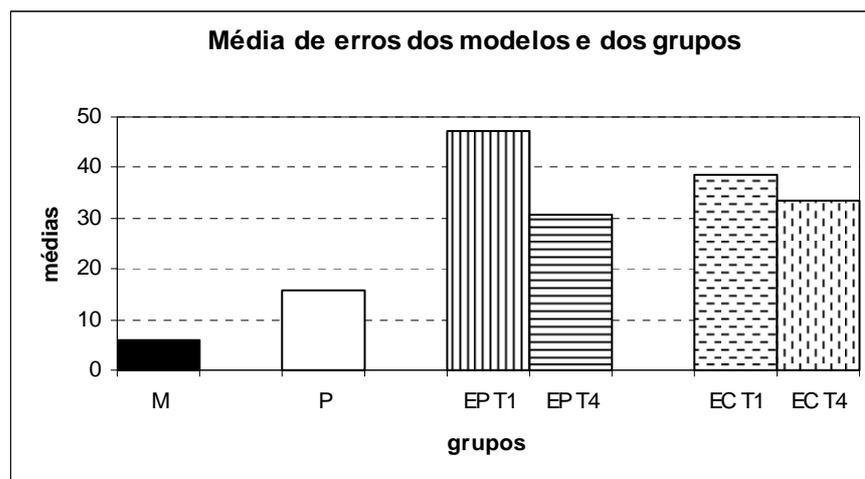


Gráfico 7: médias de freqüência de ocorrências de erro para os modelos e os grupos (absolutos)

CONCLUSÃO

As observações feitas no teste de aplicação da metodologia parecem apontar para que a resposta à pergunta de se a frequência de ocorrências da *modalidade erro* em uma tradução pode ser considerada como indicador de desenvolvimento da CT (considerando-se o grau de proficiência bilíngüe) é positiva: as análises provisórias demonstram que a diminuição dos erros de um mesmo sujeito de uma tradução para outra (de um mesmo texto, obviamente desde que haja um tempo entre uma e outra tradução, que proporcione um esquecimento de como efetuou a primeira tradução por parte desse sujeito) pode ser encarada como evolução na CT e para isso devem contribuir intervenções pedagógicas adequadas pela qual passe o sujeito e aumento de sua proficiência bilíngüe. Todavia, acreditamos que são necessários ajustes no método, pois as irregularidades percebidas pela análise das tabulações das traduções do *corpus* não nos permitiram efetuar uma análise definitiva dos dados obtidos, principalmente para comparar as traduções entre os grupos, e fazer essa comparação nos parece importante para dizer como se dá uma relação que se revelou considerável durante a aplicação do método: a relação entre erro, proficiência bilíngüe e grau de desenvolvimento da CT.

Desse modo, propomos duas correções importantes, que devem se configurar por meio de:

- 1) uma revisão cuidadosa das tabulações que não deixe escapar divergências ou que ao menos possibilite um aparecimento insignificante de divergências entre as tabulações feitas por pessoas diferentes, pois somente baseados em dados confiáveis saberemos se é possível calcular uma média de ocorrências de erros para cada grupo e se é possível relacionar essa média ao perfil do grupo de maneira que encontremos um padrão dentro de cada grupo que possa ser comparável aos padrões dos outros.

2) uma análise não só quantitativa, mas também qualitativa dos dados obtidos, através da qual poderemos observar tanto as quantidades quanto os tipos de erros cometidos por cada sujeito e verificar se, dependendo de seu perfil, o sujeito comete determinado tipo (ou vários tipos) de erro e se esse tipo de erro persiste nos membros do grupo EP após a intervenção pedagógica, se é comum a EP e EC e se o aumento da proficiência bilíngüe é realmente comparável ao impacto da intervenção pedagógica em importância ou se algum desses dois fatores é mais importante para esse aspecto do desenvolvimento da CT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados. **TradTerm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.

AUBERT, F. H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida: revendo a ferramenta de análise. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 9, p. 60-69, 2006.

BARBOSA, H. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 2004.

CINTRÃO, H. P. **Colocar lupas, transcriar mapas. Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como língua estrangeira** 2006. Tese de doutorado em Letras - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <[http:// www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>

CINTRÃO, H. P. Estudo da competência tradutória e seu desenvolvimento com uso de *corpus* de traduções. In: 6 ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA DE CORPUS, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2007a. Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/viencontro/anais.htm>

CINTRÃO H. P. Tradução subordinada, tradução poética e elementos culturalmente marcados num curso introdutório: experimento sobre a aquisição da CT. In: SETA - SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 2006, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2007b.

Disponível em:

<<http://www.iel.unicamp.br/seer/seta/ojs/viewarticle.php?id=33&layout=abstract>>

FAWCETT, P. Linguistic Approaches. In: BAKER, M. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London/New York: Routledge, 1998, p. 120-124.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**. Madrid: Cédra, 2001.

WALSH, M. H. Historia de una Princesa. In: _____. **Cuentos de Gulubú**. Buenos Aires: Alfaguara, 2000 [1966]. p. 19-23.

REFERÊNCIAS DOS TEXTOS MENCIONADOS INDIRETAMENTE

ALBRECHT, J. **Linguistik und Übersetzung**. Tübingen: Niemeyer, 1973. [*apud* FAWCETT 1998]

ARROJO, R. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**, Rio de Janeiro: Imago, 1993. [*apud* HURTADO 2001]

ARROJO, R. Deconstruction and the Teaching of Translation. **Textcontext**, v. 9, p. 1-12, 1994a. [*apud* HURTADO 2001]

ARROJO, R. Fidelity and the Gendered Translation. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, vol. 7, n. 2, p. 147-163, 7/2, 1994b. [*apud* HURTADO 2001]

AUBERT, F. H. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta? **Ilha do Desterro. Florianópolis**, 1987. [*apud* BARBOSA 2004]

AUBERT, F. H. Translation theory, teaching and the profession. **Perspectives Studies In Translatology**, Copenhagen, v. 1, p. 121-131, 1995. [*apud* AUBERT 1998]

BAKER, M. **In other words**. Londres: Routledge, 1992. [*apud* HURTADO 2001]

BALLY, C. *apud* DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978 [*apud* BARBOSA 2004]

BELL, R. T. **Translation and translating**. Londres: Longman, 1991. [*apud* BARBOSA 2004]

CAMPOS, H. A poética da tradução. In: CAMPOS, H. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1972. [*apud* HURTADO 2001]

CAMPOS, H. De la traducción como creación y como crítica. **Quimera**. p. 9-10; 30-37, 1981. [*apud* HURTADO 2001]

CATFORD, J. C. **A linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. Londres: Oxford University Press, 1965. [*apud* FAWCETT 1998]

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge : M.I.T. Press, [1965], 1966. Série: Massachusetts Institute of Technology. Research Laboratory of Electronics. Special technical report . n. 11. [*apud* FAWCETT 1998]

CHUQUET, H e PAILLARD, M. **Approche linguistique des problèmes de traduction**. Paris: Ophris, 1989. [*apud* HURTADO 2001]

COSERIU, E. Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción. In: COSERIU, E. **El Hombre y su lenguaje**. Madrid: Gredos, p. 214-239, 1977. [*apud* HURTADO 2001]

DANCETTE, J. **Pacours de traduction: Étude expérimentale du processus de compréhension**. Presses Universitaires de Lille, 1995. [*apud* HURTADO 2001]

DANCETTE, J. La faute de sens en traduction. **TTR: traduction, terminologie, redaction**, v. 2/2, p. 83-102, 1989. [*apud* HURTADO 2001]

DELISLE, J. **La traduction raisonnée. Manuel d' initiation à la traduction professionnelle de l'anglais vers le français**. Les Preses de l' Université d'Ottawa, 1993. Col. Pédagogie de la traduction, 1. [*apud* HURTADO 2001]

DERRIDA, J. **The Ear of the Other. Otobiography, Transference, Translation. Texts and Discussions with Jacques Derrida**, University of Nebraska Press, 1985a. [*apud* HURTADO 2001]

DERRIDA, J. Des Tours de Babel, In: GRAHAM, J. (ed.), **Difference in Translation**. Ithaca: Cornell University Press, p. 165-207. 1985b. [*apud* HURTADO 2001]

FEDOROV, A. V. **Vvedenie v teoriu perevoada**. Moscú, Isdatel'stvo Lyteratury na innostrannykh jazykach, 1953. [*apud* FAWCETT 1998]

GARCÍA YEBRA, V. **Teoría e práctica de la traducción**, t 2. Madrid: Gredos, 1982. [*apud* HURTADO 2001]

GARNIER, G. **Linguistique et traduction. Éléments de systématique verbale comparée du français et de l'anglais**. Caen: Paradigme, 1985. [*apud* HURTADO 2001]

GAVRONSKY, S. The translator: From Piety to Cannibalism. **Substance**, v.16, p. 53-62, 1977. [*apud* HURTADO 2001]

GILE, D. Les fautes de traduction: une analyse pédagogique. **Méta**, 26/2, p. 251-262, 1992.

[*apud* HURTADO 2001]

GILE, D. **Regards sur la recherche em Interprétation de conférence**, Press Universitaires de Lille, 1995a. [*apud* HURTADO 2001]

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam: John Benjamins, 1995b. [*apud* HURTADO 2001]

GOUADEC, D. Paramètres de l'évaluation des traductions. **Méta**, 26/2, p. 99-116, 1981. [*apud* HURTADO 2001]

GOUADEC, D. Comprendre, évaluer, prévenir, **TTR: traduction, terminologie, redaction**, 2/2, L'erreur en traduction, p. 35-54, 1989. [*apud* HURTADO 2001]

GUILLEMIN-FLESCHER, J. **Syntaxe comparée du français et de l'anglais. Problèmes de Traduction**. Paris: Ophris, 1981. [*apud* HURTADO 2001]

GUTT, E. A. **Translation and Relevance**. Oxford: Basil Blackwell, 1991. [*apud* HURTADO 2001]

HARTMANN, R. K. **Contrastive Textology. Comparative Discourse Analysis in Applied Linguistics**. Heidelberg: Julius Groos, 1980. [*apud* HURTADO 2001]

HATIM, B. e MASON, I. **Discourse and the translator**. Londres: Longman, 1990. [*apud* HURTADO 2001]

HATIM, B. e MASON, I. **The Translator as Communicator**. Londres: Routledge, 1997 [1977]. [*apud* HURTADO 2001]

HOUSE, J. **A Model for Translation Quality Assessment**, Tubinga: Gunter Narr, 1977. [*apud* HURTADO 2001]

HOUSE, J. Let's talk and talk about it. Munich, **U&S Pedagogik**. Elias, Norbert, 1985 – La société de cour. Paris Flamarion, 1981. [*apud* FAWCETT 1998]

HURTADO ALBIR, A. La enseñanza de la traducción directa 'general'. Objetivos de aprendizaje y metodología. In: HURTADO ALBIR, A. **La enseñanza de la traducción**. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 1996. p. 31-55. [*apud* Cintrão 2007b]

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. e JOHNSON, K. **The Communicative Approach to Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1979. [*apud* BARBOSA 2004]

JÄÄSKELÄINEN, R. **What happens in a Translation Process: think-aloud protocols of translation**. 1987. Pro gradu thesis. Savonlinna School of Translation Studies, University of Joensuu, 1987. [*apud* HURTADO 2001]

JAKOBSON, R. Linguistics and Poetics. In: T. SEBEEK, T. **Style in Language**, Cambridge, MA: M.I.T. Press, p. 350-377, 1960. [*apud* BARBOSA 2004]

KATZ, J. e FODOR, J. The Structure of a Semantic Theory. **Language**, 39, p. 170-310, 1963. [*apud* BARBOSA 2004]

KUPSCH-LOSEREIT, S. The Problem of Translation Error Evaluation. In: TIFORD, C. e HIEKE, A.E. **Translation in Foreign Language Teaching and Testing**. Tubinga: Narr, p. 169-179, 1985. [*apud* HURTADO 2001]

KUSSMAUL, P. **Training the Translator**. Amsterdam: John Benjamins, 1995. [*apud* HURTADO 2001]

LADMIRAL, J. R. **Traduire: Théorèmes pour la traduction**. Paris: Payot, 1979. [*apud* HURTADO 2001]

LARSON, M. **Meaning-based Translation: A Guide to Cross-language Equivalence**. University Press of America, 1984. [*apud* HURTADO 2001]

LJUDSKANOV, A. **Traduction humaine et traduction mécanique**. Paris: Centre de linguistique quantitative de la Faculté des Sciences de l'Université de Paris, 1969. [*apud* HURTADO 2001]

LÖSCHER, W. **Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies. A Psycholinguistic Investigation.** Tubinga: Gunter Narr, 1991. [*apud* HURTADO 2001]

MALONE, T. A. The origin and development of Tuyuca evidentials. **International Journal of American Linguistics**, 54, p. 119-40, 1988. [*apud* FAWCETT, 1998]

MOUNIN, G. **Les problèmes théoriques de la traduction.** Paris: Gallimard, 1963. [*apud* BARBOSA 2004]

NEWMARK, P. **Approaches to translation.** Oxford: Pergamon Press, 1981. [*apud* HURTADO 2001]

NEWMARK, P. **A textbook of translation.** Londres: Prentice Hall, 1988. [*apud* BARBOSA 2004]

NIDA, E. A. **Toward a Science of Translating, with special reference to principles and procedures involved in Bible translating.** Leiden: E. J. Brill, 1964. [*apud* BARBOSA 2004]

NIDA, E. A. **Exploring semantic structures.** Munich: Fink, 1975. [*apud* HURTADO 2001]

NIDA, E. A. e TABER, C. **The Theory and Praticce of Translation.** Leiden: E. J. Brill, 1969. [*apud* HURTADO 2001]

NORD, C. **Textanalyse und Übersetzen**. Heidelberg: J. Groos Verlag, 1988a. [*apud* HURTADO 2001]

NORD, C. **Übersetzungshanwerk – Übersetzungskunst. Was bringt die Translationstheorie für das literarische Übersetzen?**. *Lebende Sprachen*, 33/2, p. 51-57, 1988b. [*apud* HURTADO 2001]

NORD, C. La unidad de traducción en el enfoque funcionalista. **Quaderns. Revista de Traducción**, 1, p. 65-77, 1998. [*apud* CINTRÃO 2007b]

PACTE. (Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y su Evaluación). Investigating translation competence: conceptual and methodological issues. **Méta**, v. 50.2, p. 609-691, 2005. [*apud* HURTADO 2001]

PALAZUELOS, J. C. *et al.* **El error de traducción**. Universidad Católica de Chile, 1992. [*apud* HURTADO 2001]

PERGNIER, M. **Les fondements sociolinguistiques de la traduction**. Paris: Champion, 1978. [*apud* HURTADO 2001]

PERGNIER, M. **Les fondements sociolinguistiques de la traduction**. [Villeneuve d'Ascq]: Presses universitaires de Lille, 1993. [*apud* FAWCETT 1998]

PYM, A. *Translation error analysis and the interface with language teaching*. In: DOLLERUP, C. e LODDEGAARD (eds.), p. 279-288, 1992. [*apud* HURTADO 2001]

QUINE, W. V. Meaning and Translation. In: BROWER, R. A. **On Translation**. Harvard University Press: 1959. [*apud* HURTADO 2001]

REISS, K. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Munich: Hueber, 1971. [*apud* HURTADO 2001]

REISS, K. **Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text**. Kronberg: Scriptor Verlag, 1976. [*apud* HURTADO 2001]

REISS, K. e VERMEER, J. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Tübingen: Niemeyer, 1984. [*apud* HURTADO 2001]

RETSKER, Y. I. **Teoriya perevoda i perevodcheskaya praktika**. Moscow: Mezhdunarodnye otnosheniya, 1974. [*apud* FAWCETT 1998]

SAGER, J.C. Quality and standards: the evaluation of translations. In: PICKEN, C. **The Translator`s Handbook**, 2 ed., p. 91-102, 1989. [*apud* HURTADO 2001]

SCHÖKEL, A. **Hermenéutica de la palabra**. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. 2, 1987. [*apud* HURTADO 2001]

SCHÖKEL, A. E ZURRO, E. **La traducción bíblica: lingüística e estilística**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1977. [*apud* HURTADO 2001]

SÉGUINOT, C. **Understanding why translators make mistakes. TTR: traduction, terminologie, redaction**, 2/2, p. 73-81, 1989. [*apud* HURTADO 2001]

SELESKOVITCH, D. **L'intepète dans les conferences internatinales. Problèmes de langage et de communication**. Paris: Minard, 1968. [*apud* HURTADO 2001]

SELESKOVITCH, D. **Langage, langues et mémoire. Étude de la prise de notes en interprétation consecutive**. Paris: Minard, 1975. [*apud* HURTADO 2001]

SHVEITSER, A. D. **Perevod i lingvistika** [Translation and Linguistics]. Moscou: Voenizdat, 1973 (trad. **Übersetzung und Linguistik**. Berlim: Akademie Verlag, 1987). [*apud* FAWCETT, 1998]

SPIILKA, I. V. Analyse de traduction. In: THOMAS, A. e FLAMAND, J., **La traduction: l'universitaire et le praticien**. Éditions de l'universitaire d'Ottawa, p. 72-81, 1984. [*apud* HURTADO 2001]

TOURY, G. A bilingual speaker becomes a translator: a tentative developmental model. In: TOURY, G **Descriptive Translation Studies**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 241-258, 1995. [*apud* CINTRÃO 2007a]

VÁZQUEZ AYORA, G. **Introducción a la traductología**. Georgetown University Press, 1977. [*apud* HURTADO 2001]

VEGA, M. A. (ed.). **Textos clásicos de la teoría de la traducción**. Madrid: Cátedra, 1994.

[*apud* HURTADO 2001]

VIDAL CLARAMONTE, C. A. Traducción y desconstrucción. **Miscelánea**, 10, p. 117-129,

1989. [*apud* HURTADO 2001]

VIDAL CLARAMONTE, C. A. **Traducción, manipulación, desconstrucción**. Salamanca:

Ediciones Colegio de España, 1995. [*apud* HURTADO 2001]

VIDAL CLARAMONTE, C. A. **El futuro de la traducción**. Valencia: Institució Alfons el

Magnànim, 1998. [*apud* HURTADO 2001]

VINAY, J. P. **La traduction humaine**. In: *Le Langage*. Paris: Ed.Gallimard, Eneyel. de la

Pléiade, p. 728-757, 1968. [*apud* BARBOSA 2004]

VINAY, J. P. e DARBELNET, J. **Stylistique comparée du français et de l'anglais:**

méthode de traduction. Paris, Didier, 1958 [1977]. [*apud* HURTADO 2001]

WILSS, W. **Übersetzungswissenschaft. Probleme und Methoden**. Stuttgart, 1977. [*apud*

HURTADO 2001]

ANEXOS

1 - EXEMPLO DE TABULAÇÃO NO EXCEL E RESULTADOS DOS TESTES DE TABULAÇÃO DAS MODALIDADES

	1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		
1	historia								1										1		
1	de					1													1		
1	una					1													1		
1	princesa					1													1		
1	su					1													1		
1	papá			0					1										1		
1	una					1													1		
1	mariposa						1												1		
1	y					1													1		
1	el				0													1	1		
1	príncipe					1													1		
1	kinoto	1																	1		
1	fukasuka	1																	1		
13	Resultados	0	2	0	0	0	7	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	13	
						0		8		2				0		0					
		0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,3	0,1	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	1,49	
						0,0		0,9		0,2				0,0		0,0					
										1,1											
	1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

M1_T1

1	10	0	0	4	423	137	101	66	8	3	26	53	32	0	0	0	9	873
			4			560		167				79		32				
0,1	1,1	0,0	0,0	0,5	48,3	15,7	11,6	7,6	0,9	0,3	3,0	6,1	3,7	0,0	0,0	0,0	1,0	100,00
			0,5			64,1		19,1				9,0		3,7				
								83,3										
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

M2_T1

0	12	0	0	2	472	148	120	38	0	1	19	28	30	0	0	0	3	873
				2		620		158				47		30				
0,0	1,4	0,0	0,0	0,2	64,1	17,0	13,7	4,4	0,0	0,1	2,2	3,2	3,4	0,0	0,0	0,0	0,3	100,00
				0,2		71,0		18,1				5,4		3,4				
								89,1										
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

P01_T1

5	12	0	2	5	439	131	116	47	8	9	17	47	18	0	0	0	17	873		
				7		570		163				64		18						
0,6	1,4	0,0	0,2	0,6	50,3	15,0	13,3	5,4	0,9	1,0	1,9	5,4	2,1	0,0	0,0	0,0	1,9	100,00		
				0,8		65,3		18,7				7,3		2,1						
													84,0							
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P02_T1

1	9	8	6	13	487	142	113	36	1	4	6	23	0	5	0	0	19	873		
				19		629		149				29		5						
0,1	1,0	0,9	0,7	1,5	53,8	16,3	12,9	4,1	0,1	0,5	0,7	2,6	0,0	0,6	0,0	0,0	2,2	100,00		
				2,2		72,1		17,1				3,3		0,6						
													89,1							
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P03_T1

5	12	0	0	6	488	163	98	51	3	4	17	24	11,0	1	0	0	10	873		
				6		631		149				41		12						
0,6	1,4	0,0	0,0	0,7	53,8	18,7	11,2	5,8	0,3	0,5	1,9	2,7	1,3	0,1	0,0	0,0	1,1	100,00		
				0,7		72,3		17,1				4,7		1,4						
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P04_T1

1	12	0	2	6	481	137	99	67	3	2	20	28	29,0	2	0	0	14	873		
				8		588		166				48		31						
0,1	1,4	0,0	0,2	0,7	51,7	15,7	11,3	7,7	0,3	0,2	2,3	3,21	3,3	0,2	0,0	0,0	1,6	100,00		
				0,9		67,4		19,0				5,5		3,6						
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P05_T1

0	12	0	5	14	487	138	105	48	0	0	8	21	12,0	0	0	0	13	873		
				19		635		153				29		12						
0,0	1,4	0,0	0,6	1,6	56,8	15,8	12,0	5,5	0,0	0,0	0,9	2,4	1,4	0,0	0,0	0,0	1,5	100,00		
				2,2		72,7		17,5				3,3		1,4						
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P06_T1

25	12	0	4	18	485	120	93	43	3	1	11	43	14,0	0	0	0	21	873
				22		585		136				54		14				
2,9	1,4	0,0	0,5	2,1	53,3	13,7	10,7	4,9	0,3	0,1	1,3	4,9	1,6	0,0	0,0	0,0	2,4	100,00
				2,5		67,0		15,6				6,2		1,6				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP01_T1

4	11	1	9	21	482	144	96	36	0	1	1	16	9	0	0	0	42	873
				30		626		132				17		9				
0,5	1,3	0,1	1,0	2,4	55,2	16,5	11,0	4,1	0,0	0,1	0,1	1,8	1,0	0,0	0,0	0,0	4,8	100,00
				3,4		71,7		15,1				1,9		1,0				

								86,8										
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP01_T4

1	11	1	7	14	484	136	103	53	2	1	2	32	19	1	0	0	26	873
				21		600		156				34		20				
0,1	1,3	0,1	0,8	1,6	53,2	15,6	11,8	6,1	0,2	0,1	0,2	3,7	2,2	0,1	0,0	0,0	3,0	100,00
				2,4		68,7		17,9				3,9		2,3				

								86,6										
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP04_T1

13	12	0	8	21	462	116	100	53	3	1	4	18	10,0	0	0	0	52	873
				29		578		153				22		10				
1,5	1,4	0,0	0,9	2,4	52,9	13,3	11,5	6,1	0,3	0,1	0,5	2,1	1,1	0,0	0,0	0,0	6,0	100,00
				3,3		66,2		17,5				2,5		1,1				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP04_T4

7	12	0	12	25	473	112	108	39	4	0	5	17	20,0	0	0	0	39	873
				37		585		147				22		20				
0,8	1,4	0,0	1,4	2,9	54,2	12,8	12,4	4,5	0,5	0,0	0,6	1,9	2,3	0,0	0,0	0,0	4,5	100,00
				4,2		67,0		16,8				2,5		2,3				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP07_T1

18	12	0	14	20	437	117	95	45	5	0	4	22,0	0,0	0	0	0	84	873
				34		554		140				26,0		0				
2,1	1,4	0,0	1,6	2,3	50,1	13,4	10,9	5,2	0,6	0,0	0,5	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	9,6	100,00
				3,9		63,5		16,0				3,0		0,0				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP07_T4

17	11	0	9	30	463	136	89	31	5	0	2	22	0,0	0	0	0	57	873
				39		599		120				24		0				
1,9	1,3	0,0	1,0	3,4	50,0	15,6	10,2	3,6	0,6	0,0	0,2	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	6,5	100,00
				4,5		68,6		13,7				2,7		0,0				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP08_T1

5	12	6	12	14	455	128	108	30	6	1	6	7	3	0	0	0	47	873
				26		616		138				13		3				
0,6	1,4	0,7	1,4	1,6	55,3	14,7	12,4	3,4	0,7	0,1	0,7	0,8	0,3	0,0	0,0	0,0	5,4	100,00
				3,0		70,6		15,8				1,5		0,3				
								86,4										

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP08_T4

4	13	1	16	23	513	134	105	18	0	0	6	4	10	0	0	0	26	873
				39		647		123				10		10				
0,5	1,5	0,1	1,8	2,6	55,3	15,3	12,0	2,1	0,0	0,0	0,7	0,5	1,1	0,0	0,0	0,0	3,0	100,00
				4,5		74,1		14,1				1,1		1,1				
								88,2										

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP11_T1

3	12	2	9	26	516	129	98	19	0	0	2	6	10	0	0	0	41	873
				35		645		117				8		10				
0,3	1,4	0,2	1,0	3,0	50,1	14,8	11,2	2,2	0,0	0,0	0,2	0,7	1,1	0,0	0,0	0,0	4,7	100,00
				4,0		73,9		13,4				0,9		1,1				
								87,3										

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP11_T4

4	12	0	7	18	479	149	109	32	4	0	8	9	16	0	0	0	27	873
				25		627		141				17		16				
0,5	1,4	0,0	0,8	2,1	54,8	17,1	12,5	3,7	0,5	0,0	0,9	1,0	1,8	0,0	0,0	0,0	3,1	100,00
				2,9		71,8		16,2				1,9		1,8				
								88,0										

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP13_T1

2	14	5	6	24	313	148	98	23	1	0	5	10	1,0	0	0	0	17	873
				30		667		121				15		1				
0,2	1,6	0,6	0,7	2,7	59,5	17,0	11,2	2,6	0,1	0,0	0,6	1,1	0,1	0,0	0,0	0,0	1,9	100,00
				3,4		76,4		13,9				1,7		0,1				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EP13_T4

7	12	0	6	19	317	147	93	33	3	0	7	8	11,0	0	0	0	10	873
				25		664		126				15		11				
0,8	1,4	0,0	0,7	2,2	59,2	16,8	10,7	3,8	0,3	0,0	0,8	0,9	1,3	0,0	0,0	0,0	1,1	100,00
				2,9		76,1		14,4				1,7		1,3				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC03_T1

10	10	0	18	12	468	109	99	43	6	1	1	24	8	0	0	0	64	873
				30		577		142				25		8				
1,1	1,1	0,0	2,1	1,4	53,6	12,5	11,3	4,9	0,7	0,1	0,1	2,7	0,9	0,0	0,0	0,0	7,3	100,00
				3,4		66,1		16,3				2,9		0,9				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC03_T4

3	12	2	10	17	473	139	97	34	8	0	4	19	21	1	0	3	30	873
				27		612		131				23		22				
0,3	1,4	0,2	1,1	1,9	54,2	15,9	11,1	3,9	0,9	0,0	0,5	2,2	2,4	0,1	0,0	0,3	3,4	100,00
				3,1		70,1		15,0				2,6		2,5				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC05_T1

18	12	0	6	13	475	145	108	37	4	1	7	16	0	0	0	0	31	873
				19		620		145				23		0				
2,1	1,4	0,0	0,7	1,5	54,4	16,6	12,4	4,2	0,5	0,1	0,8	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	100,00
				2,2		71,0		16,6				2,6		0,0				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC05_T4

12	10	0	4	6	446	147	103	33	7	1	6	44	2	0	0	0	52	873
				10		593		136				50		2				
1,4	1,1	0,0	0,5	0,7	51,1	16,8	11,8	3,8	0,8	0,1	0,7	5,0	0,2	0,0	0,0	0,0	6,0	100,00
				1,1		67,9		15,6				5,7		0,2				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC10_T1

0	12	0	5	26	495	139	86	38	0	0	7	38	11,0	1	0	0	15	873
				31		634		124				45		12				
0,0	1,4	0,0	0,6	3,0	58,7	15,9	9,9	4,4	0,0	0,0	0,8	4,4	1,3	0,1	0,0	0,0	1,7	100,00
				3,6		72,6		14,2				5,2		1,4				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC10_T4

0	12	0	9	23	526	144	99	20	0	0	9	9	13,0	0	0	0	15	873
				32		664		119				18		13				
0,0	1,4	0,0	1,0	2,6	59,6	16,5	11,3	2,3	0,0	0,0	1,0	1,0	1,5	0,0	0,0	0,0	1,7	100,00
				3,7		76,1		13,6				2,1		1,5				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC14_T1

23	10	4	13	14	486	137	87	40	1	0	5	14	0	0	0	0	39	873
				27		623		127				19		0				
2,6	1,1	0,5	1,5	1,6	55,7	15,7	10,0	4,6	0,1	0,0	0,6	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	4,5	100,00
				3,1		71,4		14,5				2,2		0,0				

85,9

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC14_T4

6	12	1	14	26	497	146	95	24	1	0	1	10	9	0	0	0	31	873
				40		643		119				11		9				
0,7	1,4	0,1	1,6	3,0	58,3	16,7	10,9	2,7	0,1	0,0	0,1	1,1	1,0	0,0	0,0	0,0	3,6	100,00
				4,6		73,7		13,6				1,3		1,0				

87,3

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC15_T1

2	9	8	7	18	511	131	109	26	0	0	2	16	0,0	0	0	0	34	873
				25		642		135				18		0				
0,2	1,0	0,9	0,8	2,1	58,5	15,0	12,5	3,0	0,0	0,0	0,2	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0	3,9	100,00
				2,9		73,5		15,5				2,1		0,0				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC15_T4

2	13	8	6	17	531	110	99	32	2	0	2	18	0,0	0	0	0	33	873
				23		641		131				20		0				
0,2	1,5	0,9	0,7	1,9	60,3	12,6	11,3	3,7	0,2	0,0	0,2	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8	100,00
				2,6		73,4		15,0				2,3		0,0				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC16_T1

7	12	0	12	23	482	126	101	42	1	0	5	13	0,0	0	0	0	49	873
				35		608		143				18		0				
0,8	1,4	0,0	1,4	2,6	55,2	14,4	11,6	4,8	0,1	0,0	0,6	1,49	0,0	0,0	0,0	0,0	5,6	100,00
				4,0		69,6		16,4				2,06		0,0				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

EC16_T4

4	12	0	11	23	483	123	103	40	4	0	7	12	12,0	0	0	0	39	873
				34		606		143				19		12				
0,5	1,4	0,0	1,3	2,6	55,3	14,1	11,8	4,6	0,5	0,0	0,8	1,4	1,4	0,0	0,0	0,0	4,5	100,00
				3,9		69,4		16,4				2,2		1,4				

1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS
---	---	---	----	----	----	----	----	----	---	---	----	----	-----	-----	----	----	----	--------

2 - HISTORIA DE UNA PRINCESA, SU PAPÁ, UNA MARIPOSA Y EL PRÍNCIPE

KINOTO FUKASUKA

(WALSH, María Elena. *Cuentopos de Gulubú*. Buenos Aires: Alfaguara, 2000. p. 19-26.)

Sukimuki era una princesa japonesa.

Vivía en la ciudad de Siu Kiu, hace como dos mil años, tres meses y media hora.

En esa época, las princesas todo lo que tenían que hacer era quedarse quietitas.

Nada de ayudarle a la mamá a secar los platos. Nada de hacer mandados. Nada de bailar con abanico. Nada de tomar naranjada con pajita.

Ni siquiera ir a la escuela. Ni siquiera sonarse la nariz. Ni siquiera pelar una ciruela. Ni siquiera cazar una lombriz.

Nada, nada, nada.

Todo lo hacían los sirvientes del palacio: vestirla, peinarla, estornudar por ella, abanicarla, pelarle las ciruelas.

¡Cómo se aburría la pobre Sukimuki!

Una tarde estaba, como siempre, sentada en el jardín papando moscas, cuando apareció una enorme Mariposa de todos colores.

Y la Mariposa revoloteaba, y la pobre Sukimuki la miraba de reojo porque no le estaba permitido mover la cabeza.

—¡Qué linda mariposapa! — murmuró al fin Sukimuki, en correcto japonés.

Y la Mariposa contestó, también en correctísimo japonés:

—¡Qué linda Princesa! ¡Cómo me gustaría jugar a la mancha con usted, Princesa!

— Nopo puepedopo — le contestó la Princesa en japonés.

—¡Cómo me gustaría jugar a la escondida, entonces!

— Nopo puepedopo — volvió a responder la Princesa, haciendo pucheros.

— ¡Cómo me gustaría bailar con usted, Princesa! — insistió la Mariposa.

— Eso tampoco puepedopo — contestó la pobre Princesa.

Y la Mariposa, ya un poco impaciente, le preguntó:

— ¿Por qué usted no puede hacer nada?

— Porque mi papá, el Emperador, dice que si una Princesa no se queda quieta quieta quieta como una galleta, en el imperio habrá una pataleta.

— ¿Y eso por qué? — preguntó la Mariposa.

— Porque sípi — contestó la Princesa —, porque las princesas del Japonpón debemos estar quietitas sin hacer nada. Si no, no seríamos princesas. Seríamos mucamas, colegialas, bailarinas o dentistas, ¿entiendes?

— Entiendo — dijo la Mariposa —, pero escápese un ratito y juguemos. He venido volando de muy lejos nada más que para jugar con usted. En mi isla, todo el mundo me hablaba de su belleza.

A la Princesa le gustó la idea y decidió, por una vez, desobedecer a su papá. Salió a correr y a bailar por el jardín con la Mariposa.

En eso se asomó el Emperador al balcón y, al no ver a su hija, armó un escándalo de mil demonios.

— ¡Dónde está la Princesa! — chilló.

Y llegaron todos sus sirvientes, sus soldados, sus vigilantes, sus cocineros, sus lustrabotas y sus tías para ver qué le pasaba.

— ¡Vayan todos a buscar a la Princesa! — rugió el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

Y allá salieron todos corriendo y el Emperador se quedó solo en el salón.

— ¡Dónde estará la Princesa! — repitió.

Y oyó una voz que respondía a sus espaldas:

— La Princesa está de jarana donde se le da la gana.

El Emperador se dio vuelta furioso y no vio a nadie.

Miró un poquito mejor y no vio a nadie.

Se puso tres pares de anteojos y entonces sí vio a alguien.

Vio a una mariposota sentada en su propio trono.

—¿Quién eres? — rugió el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

Y agarró un matamoscas, dispuesto a aplastar a la insolente Mariposa.

Pero no pudo.

¿Por qué?

Porque la Mariposa tuvo la ocurrencia de transformarse inmediatamente en un Príncipe.

Un Príncipe buen mozo, simpático, inteligente, gordito, estudioso, valiente y con bigotito.

El Emperador casi se desmaya de rabia y de susto.

—¿Qué quieres? — le preguntó al príncipe con voz de trueno y ojos de relámpago.

— Casarme con la Princesa — dijo el Príncipe valientemente.

—¿Pero de dónde diablos has salido con esas pretensiones?

— Me metí en tu jardín en forma de Mariposa — dijo el Príncipe —, y la princesa jugó y bailó conmigo. Fue feliz por primera vez en su vida y ahora nos queremos casar.

—¡No lo permitiré! — rugió el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

— Si no lo permites, te declaro la guerra — dijo el Príncipe, sacando la espada.

—¡Servidores, vigilantes, tías! — llamó el Emperador.

Y todos entraron corriendo, pero al ver al Príncipe empuñando la espada se pegaron un susto terrible.

A todo esto, la Princesa Sukimuki espiaba por la ventana.

—¡Echen a este Príncipe insolente de mi palacio! — ordenó el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

Pero el Príncipe no se iba a dejar echar así nomás.

Peleó valientemente contra todos. Y los lustrabotas escaparon por una ventana. Y las tías se escondieron aterradas debajo de la alfombra. Y los vigilantes se treparon a la lámpara.

Cuando el Príncipe los hubo vencido a todos, preguntó al Emperador:

—¿Me dejas casar con tu hija, sí o no?

— Está bien — dijo el Emperador con voz de laucha y ojos de lauchita —. Cásate, siempre que la Princesa no se oponga.

El Príncipe fue hasta la ventana y preguntó a la Princesa:

—¿Quieres casarte conmigo, Princesa Sukimuki?

— Sípi — contestó la Princesa entusiasmada.

Y así fue como la Princesa dejó de estar quietita y se casó con el Príncipe Kinoto Fukasuka. Los dos llegaron al templo en monopatín y luego dieron una fiesta en el jardín. Una fiesta que duró diez días y un enorme chupetín.

Así acaba, como ves,

este cuento japonés.

3 – CD COM TESTES DE TABULAÇÃO COMPLETOS